



Universidade de Brasília
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
Curso de Letras/Tradução Espanhol

Warley Marques Soares

**Tradução Técnica e Marcadores Culturais:
o Caso de uma Transposição Didática**

Brasília - DF
2013



**Universidade de Brasília
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
Curso de Letras/Tradução Espanhol**

Warley Marques Soares

**Tradução Técnica e Marcadores Culturais:
o Caso de uma Transposição Didática**

Projeto Final do Curso de Tradução, apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol pela Universidade de Brasília (UnB).

Orientador: Prof^a. M.Sc. Sandra María Pérez López

Brasília - DF
2013

Marques, Warley Soares

Tradução Técnica e Marcadores Culturais: o Caso de uma Transposição Didática – Brasília, 2013. 63p.

Projeto Final de Curso (bacharelado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2013.

Orientadora: Prof^a. M.Sc. Sandra María Pérez López.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução Técnica. 3. Marcadores Culturais. 4. Transposição Didática

Folha de aprovação

Tradução Técnica e Marcadores Culturais: o Caso de uma Transposição Didática

Projeto Final do Curso de Tradução julgado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol.

Área de Concentração: Tradução de Textos Técnicos e Científicos.

Warley Marques Soares

Projeto Final aprovado em: _____ / _____ / _____

Prof^a. M.Sc. Sandra María Pérez López
(Orientadora – LET/UnB)

Banca Examinadora: _____
Prof^a. Dr^a. Flavia Cristina Cruz Lamberti Arraes
(Membro Externo – LET/UnB)

Banca Examinadora: _____
Prof^a. Dr^a. Lucie Josephe de Lannoy
(Membro Interno – LET/UnB)

Prof. Dr. Júlio César Neves Monteiro
Coordenador do Curso (LET/UnB)

A todos aqueles que, de forma direta ou indireta, me apoiaram e encorajaram, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me proporcionou força e sabedoria desde sempre, principalmente no difícil início desta empreitada.

Ao corpo de docentes do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, pelo exemplo de dedicação, competência e profissionalismo, que tornaram agradáveis e proveitosos esses quatro anos da minha passagem pela Universidade de Brasília.

À Professora Sandra, minha orientadora, pela confiança que sempre depositou em mim e por suas constantes amostras de dedicação e ânimo no momento de empreender este trabalho. Suas leituras atentas e observações valiosas enriqueceram com louvor muitas das reflexões cristalizadas nestas páginas.

Ao Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos, do Comando da Aeronáutica, pelo espaço concedido.

Aos professores integrantes da Banca Examinadora, pelo apreço e distinção.

Aos meus familiares, em especial a minha mãe, D. Irene Helena, pelo amor e compreensão que desde sempre foram dispensados a mim.

Aos nobres colegas de “farda”, pelo apoio logístico irrestrito, visto que muitas vezes dispuseram do seu valioso tempo para suprir minhas ausências em função dos estudos.

Meu agradecimento especial à minha eterna companheira e esposa Dayane, que me deu forças e ajudou de todas as formas que lhe eram possíveis.

“Tem duas formas, ou modos, o que chamamos cultura. Não é a cultura senão o aperfeiçoamento subjectivo da vida. Esse aperfeiçoamento é directo ou indirecto; ao primeiro se chama arte, ciência ao segundo. Pela arte nos aperfeiçoamos a nós; pela ciência aperfeiçoamos em nós o nosso conceito, ou ilusão, do mundo.”

Fonte: Ideias Estéticas – Da Arte Autor – Pessoa, Fernando.

RESUMO

O presente Projeto Final exigido como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol, da Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação da Prof^a. M.Sc. Sandra María Pérez López (UnB/LET), possui um caráter prático e teórico, visto que consiste na versão para o espanhol de um texto técnico, apresentando como pano de fundo uma reflexão mais sistemática sobre o ato tradutório. Assim, a partir da experiência profissional do autor, que atua na área de especialidade sob investigação, e tomando como referencial teórico-metodológico as contribuições de João Azenha Júnior (1997, 1999, 2010, 2013), Francis Aubert (2003, 2006) e Heloísa Barbosa (1990), o objetivo primordial deste trabalho consiste em identificar e dar tratamento tradutório a aspectos de ordem cultural e/ou ideológica encontrados no texto de partida selecionado para o presente trabalho, com vistas ao desenvolvimento de estratégias que auxiliem na resolução das dificuldades tradutórias. Importa ressaltar que, para uma análise mais precisa quanto à identificação dos marcadores culturais no texto de partida e suas implicações para o tradutor de textos técnicos, esse trabalho se apoiou também em outros campos do conhecimento como a Terminologia e, sobretudo, a Pedagogia, da qual tomamos emprestado o conceito de transposição didática, contribuindo, dessa forma, para uma visão integrada sobre a tradução de textos técnicos e científicos ainda pouco explorada no âmbito dos Estudos da Tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da Tradução, tradução técnica, marcadores culturais, transposição didática.

RESUMEN

El presente Proyecto Final exigido como requisito parcial para la obtención del grado de Licenciado en Letras/Traducción Español, de la Universidad de Brasilia (UnB), bajo la orientación de la Prof^a. M.Sc. Sandra María Pérez López (UnB/LET), tiene un carácter práctico y teórico, visto que consiste en la traducción inversa al español de un texto técnico, con una reflexión más sistemática sobre la actividad traductora como telón de fondo. Así pues, con base en la experiencia laboral del autor, que actúa en el área de especialidad bajo investigación, y tomando como supuestos previos las contribuciones teóricas y metodológicas de João Azenha Júnior (1997, 1999, 2010, 2013), Francis Aubert (2003, 2006) y Heloísa Barbosa (1990), el objetivo principal de ese trabajo consiste en identificar y dar tratamiento en cuanto a la traducción de aspectos de orden cultural y/o ideológico encontrados en el texto de partida seleccionado para este trabajo, con miras a desarrollar estrategias que contribuyen a la resolución de las dificultades traductoras. Además de hacer hincapié en la necesidad de un análisis más preciso en cuanto a la identificación de los marcadores culturales en el texto de partida y sus implicaciones para el traductor de textos técnicos, este trabajo también se estructuró con referencia a otros campos del conocimiento, como la Terminología y, sobre todo, la Pedagogía, de la que tomamos prestado el concepto de transposición didáctica, con lo que se pretende contribuir a una visión integrada sobre la traducción de textos técnicos y científicos todavía poco explorada en el contexto de los Estudios de la Traducción.

PALABRAS CLAVE: Estudios de la Traducción, traducción técnica, marcadores culturales, transposición didáctica.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Proposta do Modelo de Categorização dos Marcadores Culturais	40
Tabela 2:	Identificação e Classificação dos Marcadores Culturais comentados neste trabalho	42

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANAC:	Agência Nacional de Aviação Civil
CENIPA:	Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos
COMAER:	Comando da Aeronáutica
CSV:	Curso de Segurança de Voo
DFA:	Divisão de Formação e Aperfeiçoamento
DRAE:	Dicionário Real da Academia Espanhola
EAB:	Espaço Aéreo Brasileiro
FAB:	Força Aérea Brasileira
LC:	Língua de Chegada
LP:	Língua de Partida
OACI:	Organização da Aviação Civil Internacional
SICOFAA:	Sistema de Cooperação entre as Forças Aéreas Americanas
SIPAER:	Sistema de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos
TC:	Texto de Chegada
TCT:	Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT:	Teoria Geral da Terminologia
TP:	Texto de Partida
UT:	Unidade de Tradução
UTs:	Unidades de Tradução

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. DISCUSSÃO.....	8
2.1. A TRADUÇÃO DE TEXTOS TÉCNICOS: UMA REFLEXÃO ALTERNATIVA ÀS ABORDAGENS TRADICIONAIS	8
2.1.1. A DICOTOMIA COMUM/ESPECIALIZADO NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO: UMA INTERSECÇÃO COM A TERMINOLOGIA....	8
2.1.2. MARCADORES CULTURAIS NOS TEXTOS TÉCNICOS E OS DESAFIOS PARA O TRADUTOR	13
2.1.3. “MODALIDADES” DE TEXTOS TÉCNICOS E A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO COTIDIANO DO TRADUTOR.....	21
2.2. TRADUZINDO UMA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA	27
2.2.1. HISTÓRIA TRADUTÓRIA DE <i>GERENCIAMENTO DE RISCO OPERACIONAL</i> : PRIMEIROS PASSOS.....	28
2.2.2. QUESTÕES CULTURAIS EM GERENCIAMENTO DE RISCO OPERACIONAL E SEU TRATAMENTO TRADUTÓRIO	38
3. RELATÓRIO	51
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
ANEXOS	
ANEXO 1 – Questionário de avaliação do conteúdo didático por parte dos estrangeiros participantes no Curso de Segurança de Voo do CENIPA	62
ANEXO 2 – Questionário sobre o processo tradutório do material didático utilizado no curso de Segurança de Voo por parte da tradutora designada pelo CENIPA	63

1. INTRODUÇÃO

Vivemos num período histórico em que assistimos a um impressionante desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Com a globalização e a necessidade de transferência internacional de conhecimentos técnicos, o mercado mundial tem testemunhado ao longo das últimas décadas um aumento no número de publicações especializadas e, conseqüentemente, na demanda por uma comunicação eficaz entre profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, e também entre esses e o público geral. E, como não poderia deixar de ser, essa velocidade na ciência e na comunicação tem deixado suas marcas na reflexão teórica, em âmbito acadêmico, acerca da natureza e dos problemas relacionados à tradução de textos técnicos e científicos.

A tradução técnica e científica — ou especializada, como preferem alguns autores — compreende a tradução da modalidade de textos que não são, em sua essência, de ficção ou literários, mas que respondem prioritariamente à necessidade de se comunicar que têm os especialistas de um campo profissional ou acadêmico, sem excluir ao público leigo. A tendência atual, com a crescente autonomia dos Estudos da Tradução em relação às áreas da Literatura e da Linguística, consiste em classificar os textos técnicos como sendo pertencentes a quaisquer gêneros textuais, não apenas manuais de instrução ou bulas de remédios, que compreendem formas lexicais pertencentes à língua comum, as quais adquirem novos conteúdos conceituais para designar conceitos especializados. Essa visão, diga-se de passagem, revela uma postura coerente com a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), formulada por María Teresa Cabré (2003), cujos pressupostos não poderiam deixar de fazer parte das reflexões teóricas que orientam este trabalho, dado o nosso entendimento de que a corrente clássica da terminologia, denominada Teoria Geral da Terminologia (TGT), elaborada por Eugen Wüster em 1930, a qual propunha uma normalização dos termos, privilegiava o uso de um elemento em detrimento de outro (monossemia e biunivocidade) e desconsiderava completamente o contexto, em parte já não se encontra em consonância com o cenário atual.

Do ponto de vista do senso comum, existe a ideia pré-concebida de que os textos técnicos são fáceis de traduzir, pois exigem do tradutor apenas o conhecimento apurado da terminologia utilizada e o domínio da língua de partida (doravante LP) e da língua de chegada (doravante LC). Esta concepção equivocada é uma tendência que também circula em muitos

trabalhos de pesquisadores e estudiosos vinculados aos Estudos da Tradução, que costumam afirmar que os textos técnicos se caracterizam pelo uso de léxico específico e rigoroso, sendo, portanto, o domínio da terminologia específica, suficiente para superar eventuais obstáculos e/ou dificuldades de tradução. De fato, a terminologia está intimamente vinculada à tradução especializada, sendo sempre útil aos tradutores de textos técnicos, no exercício de suas atividades, contar com repertórios terminológicos, monolíngües ou bilíngües, que os auxiliem na atividade tradutória, tais como glossários, dicionários especializados, bases de dados terminológicas, etc. Em síntese, o planejamento terminológico adequado é de suma importância para os tradutores de textos técnicos, já que a sua falta poderia contribuir para dificultar o ato tradutório. Não obstante, e apesar da diversidade de abordagens e tendências, existe um traço tradicionalmente pouco explorado nas reflexões sobre a tradução técnica pela maior parte das pesquisas em Estudos da Tradução: a ênfase nos aspectos culturais da tradução e nos contextos em que ela ocorre. Com base nessas considerações, compreendemos que a tradução técnica não se resume apenas ao cuidado com a terminologia e as regras gramaticais dos idiomas envolvidos, visto que parece envolver um olhar bem mais amplo sobre as condições de recepção. Por conseguinte, há uma necessidade de envolvimento maior do tradutor de textos técnicos, no sentido de perceber e refletir também sobre as diferenças culturais entre o polo emissor e o polo receptor, a fim de poder tomar as decisões adequadas durante a atividade tradutória.

Como ponto de partida para o presente trabalho, que apresento como Projeto Final de Curso para a obtenção do grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol, foi selecionado em comum acordo com a orientadora o texto técnico intitulado **Gerenciamento do Risco Operacional**, com o intuito de propor uma tradução para o espanhol. Trata-se, na verdade, de uma apostila que integra o material didático criado pelo Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (doravante CENIPA), com a finalidade de atender o Curso de Segurança de Voo (doravante CSV) – Módulo: Prevenção de Acidentes Aeronáuticos. O curso tem por objetivo capacitar representantes de diversos setores ligados à atividade aérea brasileira para desempenharem atividades de prevenção, no âmbito do Sistema de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (SIPAER). A apostila, elaborada em 2011, contou com a autoria de um experiente oficial superior daquele centro, que há anos atua na área de investigação de voo. A esse profissional coube a tarefa de prover aos alunos, participantes no CSV, um instrumento simples e didático, sobretudo através do recurso a exemplos do cotidiano da vida dos brasileiros, com vistas a facilitar a compreensão sobre os

conceitos de termos técnico-científicos de maior complexidade, usados na praxe da área de segurança e prevenção de acidentes aeronáuticos. Trata-se de um processo consistente na passagem do saber científico ao saber ensinado, que na Pedagogia costuma ser denominado transposição didática.

O CENIPA, criado em 1971, é uma organização militar do Comando da Aeronáutica (COMAER) com sede na capital federal. De acordo com consulta realizada no site institucional do órgão, tem por finalidade planejar, gerenciar, controlar e executar atividades relacionadas com a prevenção e investigação de acidentes aeronáuticos, com vistas ao progresso da aviação brasileira. O órgão investigador brasileiro é reconhecido por ocupar uma posição de destaque no cenário internacional, em especial na América Latina, pelo trabalho representativo que tem desenvolvido na segurança operacional da aviação. Para realizar sua missão, o CENIPA ministra anualmente um calendário de cursos destinados à formação, à atualização e ao aperfeiçoamento de civis e militares brasileiros, incluindo estrangeiros, voltados para a área de segurança de voo. Esses cursos foram sempre ministrados, desde a sua concepção, em língua portuguesa, mas passaram recentemente por uma adaptação. Assim, pela primeira vez na história da instituição, foi promovido, para hispano-americanos de distintas nacionalidades, o CSV, no módulo Prevenção de Acidentes Aeronáuticos, em língua espanhola. As aulas, que se realizaram no período de 19 a 30 de agosto de 2013, contaram com a participação de quinze militares, representantes das respectivas Forças Aéreas da Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Panamá, Paraguai e Uruguai. A implantação do curso foi resultado da solicitação dos próprios estrangeiros, que já haviam participado como ouvintes em edições anteriores do CSV oferecidas pelo CENIPA na língua vernácula, e reivindicavam maior participação nas aulas a fim de adquirirem a formação adequada para atuarem como investigadores de voo em seus respectivos países. Para tanto, houve a necessidade de adaptação do material didático e a formação básica em língua espanhola dos instrutores brasileiros. Uma oficial intendente, do efetivo do corpo de docentes da Força Aérea Brasileira (doravante FAB) e com conhecimentos da língua espanhola, atuou como tradutora do referido material, incluindo o texto selecionado para o presente trabalho.

As premissas que levaram à escolha do texto técnico para este Projeto Final não surgiram de forma aleatória, senão que tiveram origem na realidade profissional do autor, que trabalha na FAB como especialista em Telecomunicações Aeronáuticas, atuando mais precisamente no processo de emissão de autorização de voo no Espaço Aéreo Brasileiro

(EAB) às aeronaves militares e civis públicas estrangeiras¹. Além disso, o número expressivo de acidentes aeronáuticos na América Latina registrados nos últimos anos, somado à necessidade da consolidação de uma cultura internacional de segurança de voo, parecem razões suficientes que justificam a relevância do assunto em epígrafe, bem como a sua divulgação em distintas línguas. Por outro lado, no que tange à importância para os Estudos da Tradução, vale ressaltar que o grau de especificidade de reflexão exigida durante a práxis tradutória, para além do simples domínio dos idiomas e terminologia envolvidos — visto que foi possível vislumbrar a importância da consideração de aspectos culturais — reafirma o interesse pela tradução ao espanhol do texto de partida (doravante TP).

As reflexões teóricas sobre a tradução de textos técnicos e científicos, em comparação com o volume de trabalhos de tradução já produzidos no âmbito das principais universidades públicas brasileiras, revelam uma área de estudo ainda pouco explorada, mas que apresenta um vasto campo para pesquisa e uma forte vocação de crescimento no meio científico. Historicamente, a maioria dos trabalhos monográficos, teses ou dissertações, se restringem a discutir a tradução técnica com foco na equivalência terminológica e tendem a ignorar as condições de recepção do “todo traduzido”, deixando à margem, por exemplo, as reflexões em torno de algumas condicionantes culturais. A tendência atual, no entanto, é considerar que a tradução de textos dessa categoria possa levar em conta, igualmente, a questão maior da linguagem, ou seja, conceber que a língua é parte integrante da cultura e, portanto, que os textos técnicos, assim como qualquer outra modalidade de texto, também estão expostos a variantes culturais. Nesse sentido, espera-se que o tradutor perceba estas questões no TP, a fim de refletir durante o ato tradutório sobre como lidar com as diferenças culturais e, também, ideológicas entre o polo emissor e o polo receptor.

Com base nessas considerações, o objetivo principal deste Projeto Final consiste em propor uma versão para o espanhol de “Gerenciamento do Risco Operacional”, com foco na identificação e tratamento dos marcadores culturais linguisticamente expressos no TP. A tradução elaborada pelo CENIPA e, gentilmente cedida ao autor para fins de contribuição às reflexões teóricas registradas no presente trabalho, foi utilizada apenas como referência para eventuais comparações que podem ser usadas a título de ilustração durante a discussão teórica. Do ponto de vista metodológico, optou-se por realizar a leitura dessa primeira tradução apenas após ter sido concluída a proposta tradutória do autor deste texto.

¹ São consideradas aeronaves civis públicas estrangeiras todas as aeronaves civis utilizadas para o transporte dos Chefes de Estado e as que, sendo de propriedade do Estado, estejam a serviço da administração direta federal. Fonte: Instrução do Comando da Aeronáutica (ICA) 55-36 – “Autorização de Voo no Espaço Aéreo Brasileiro”, de 2011.

Este estudo desdobra-se ainda em três objetivos específicos, que são:

- i. Identificar e analisar as unidades de tradução (UTs), em especial da subárea técnica de segurança de voo, que possam representar dificuldades quanto ao processo tradutório, para compor o Relatório no final deste trabalho;
- ii. Selecionar, tanto no nível lexical como no da sentença, situações de ordem cultural e/ou ideológica (ou marcadores culturais) peculiares ao sistema de valores da cultura de origem, visto que elas implicam uma reflexão mais apurada para resolver desafios concretos na tradução;
- iii. Refletir sobre questões teóricas envolvidas na tradução de textos técnicos e científicos, dentre aquelas que contribuem para a solução das dificuldades tradutórias, na expectativa de prover uma tradução que seja aceita pelos padrões culturais na LC.

Para responder aos objetivos geral e específicos descritos acima, recorre-se a uma reflexão mais sistemática sobre a problemática da tradução técnica, para além dos problemas restritos ao plano lexical-terminológico, enfatizando uma prática que envolve o foco nas diferenças interculturais entre emissor e receptor. Para tanto, com o interesse de apresentar as bases conceituais que orientam o trabalho de tradução e o tipo de pesquisa necessária para a resolução dos problemas, a metodologia deste estudo compreendeu um conjunto de atividades sistemáticas, conforme o sequenciamento disposto abaixo:

- a) Visita à Divisão de Formação e Aperfeiçoamento (DFA), do CENIPA, para a adoção de medidas quanto à seleção do texto técnico e respectiva autorização (verbal) de tradução;
- b) Leitura criteriosa e tradução preliminar do objeto de estudo, da língua vernácula (português do Brasil) para a língua estrangeira (espanhol), identificando, além de Unidades de Tradução (UTs) de natureza técnica, supostos marcadores culturais linguisticamente expressos no TP, que representam potenciais dificuldades de tradução;
- c) Revisão paralela da bibliografia direcionada à solução sobre a questão dos marcadores culturais na tradução de textos técnicos, assim como das implicações para a prática tradutória da transposição didática de conteúdos de especialidade;
- d) Registro da reflexão teórica motivada e possíveis arcabouços teóricos e técnicos desenvolvidos;

- e) Elaboração e aplicação de questionários, direcionado aos alunos do CSV e tradutora designada pelo CENIPA, para coleta de dados importantes ao desenvolvimento do estudo;
- f) Construção de relatório contendo a tradução realizada e o descritivo da atividade reflexiva.

Visando ao desenvolvimento dos objetivos propostos, o presente trabalho encontra-se dividido em cinco fases, que abrangem além desta introdução, uma discussão articulada em duas sessões, o relatório de dificuldades tradutórias, a apresentação do texto de chegada (doravante TC) e as considerações finais. Os passos seguidos são brevemente resumidos a seguir. A introdução apresenta o texto selecionado para a tradução, as justificativas de sua escolha e da tradução ao espanhol, os objetivos que fundamentam o estudo, e a metodologia adotada na elaboração do presente Projeto Final.

Na fase subsequente, relativa à discussão do trabalho, sua primeira seção tem como meta apresentar pontos de vista relacionados à recepção dos textos técnicos, com foco nas teorizações sobre os aspectos de ordem cultural e/ou ideológica na tradução de textos técnicos. Não obstante, em um primeiro momento da revisão da bibliografia, convém fazer uma breve pausa a fim de expor sobre as contribuições da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), no bojo da interface com os Estudos da Tradução, visto que a consideramos de extrema relevância para as reflexões que orientam este trabalho. Em termos mais gerais, tratar-se-á de refletir acerca da controvérsia em torno da delimitação entre termo e palavra, cuja investigação nos dará subsídios para responder a seguinte questão: as unidades terminológicas, entendidas aqui como termos, pertencem ao léxico comum ou constituem uma categoria aparte? Em seguida, pretendemos examinar propostas teóricas a partir do ângulo da identificação de marcadores culturais, que envolvem a noção de transferência cultural e questões de natureza ideológica, ressaltando que a tradução dos textos técnicos, assim como qualquer modalidade de texto, exige do tradutor, habilidades que vão além do mero conhecimento dos sistemas gramaticais na língua para a qual se traduz. Estas reflexões são ainda pautadas pela análise dos fenômenos decorrentes da transposição didática em conteúdos de domínio especializado e suas implicações para o tradutor de textos técnicos. Esse processo conduz a uma longa reflexão durante o ato tradutório. Será que a transposição didática, entendida em um sentido restrito, como o menor grau de especialização nos textos técnicos ou a “vulgarização” do conhecimento sobre assuntos de natureza técnica, contribui para ampliar o grau de problemas de transferência cultural na tradução de textos dessa categoria? Tais

análises são articuladas a partir de um respaldo teórico que confere especial destaque às contribuições de Azenha Júnior (1997, 1999, 2010, 2013) e Francis Aubert (2003, 2006).

Na segunda e última seção da discussão, pretende-se levar a cabo uma prática coerente com os postulados teóricos revisados na primeira etapa da discussão — a partir da proposta de categorização dos procedimentos técnicos da tradução, descrita por Barbosa (1990) —, em que será levantada uma discussão breve, porém mais refinada, que tem por escopo identificar e dar tratamento tradutório aos marcadores culturais, através de exemplos reais de fragmentos textuais retirados do TP. Entendemos que existem algumas passagens no texto que requerem um grau maior de reflexão, visto que oferecem um alto nível de dificuldades tradutórias, e que provavelmente não foram levadas em conta desse ponto de vista na tradução existente, elaborada pelo CENIPA. Por último, o capítulo dedicado ao Relatório destina-se a destacar algumas dificuldades tradutórias encontradas em razão da especificidade de alguns termos, bem como estabelecer os caminhos utilizados para superá-los.

Finalmente, algumas medidas de ordem prática tiveram que ser tomadas em relação à redação do presente Projeto Final e devem ser esclarecidas. Em primeiro lugar, todos os trechos citados de obras em língua estrangeira, salvo indicação em contrário, foram traduzidos pelo autor para a língua vernácula (português do Brasil), utilizando-se do recurso de notas de rodapé à disposição dos respectivos TP. A propósito, esse recurso foi empregado também para demais situações de caráter explicativo, como definições em torno de teorias da tradução que não constituem o foco deste trabalho, acepções dos dicionários, etc. Importa destacar ainda que alguns trechos citados — quer sejam de obras bibliográficas ou retiradas do TP —, apresentam grifos do autor, visto que requerem a leitura atenta do leitor. Além disso, decidiu-se por seguir as orientações do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que passou a vigorar no Brasil em 1º de janeiro de 2009, representando, assim, o que de mais recente existe nas interpretações e soluções dadas pela Academia a problemas ortográficos. Por último, ao longo do trabalho, é possível vislumbrar o uso recorrente da expressão “Estudos da Tradução”, com as respectivas iniciais maiúsculas, já que a concebemos como uma disciplina autônoma, de direito próprio e objeto definido, e não como um ramo da Literatura ou subárea da Linguística.

2. DISCUSSÃO

2.1. A TRADUÇÃO DE TEXTOS TÉCNICOS: UMA REFLEXÃO ALTERNATIVA ÀS ABORDAGENS TRADICIONAIS

Esta primeira sessão da discussão teórica tem como objetivo primordial dialogar com algumas obras e respectivos teóricos dos Estudos da Tradução, além de transitar por outros campos do conhecimento, na busca de princípios e métodos, com vistas ao embasamento para a elaboração do presente trabalho, que compõe o Projeto Final do Curso de Tradução. Nesse sentido, alguns autores são mencionados no decorrer do estudo, conferindo especial destaque àqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, às reflexões sobre a tradução da modalidade de textos técnicos e científicos, quer seja através do papel da terminologia (CABRÉ, 1999, 2003, 2007), dos aspectos de ordem cultural e/ou ideológica (AZENHA JÚNIOR, 1997, 1999, 2010, 2013; AUBERT, 2003, 2006), e da transposição didática.

2.1.1. A DICOTOMIA COMUM/ESPECIALIZADO NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO: UMA INTERSECÇÃO COM A TERMINOLOGIA

Durante várias décadas, a tradução foi considerada uma área de pesquisa de importância secundária e sem valor científico, cuja maior carga de estudos se vinculava a um único tipo de texto traduzido — o literário, apoiando-se então nas teorias da Linguística e Literatura. Não obstante, ao longo dos últimos anos tem-se assistido à sua consolidação, no sentido de que passou a desenvolver reflexões geradas em seu próprio bojo, tanto que Susan Bassnett (2003, p. 1), no prefácio à terceira edição de sua obra, afirma que,

Ao longo dos anos oitenta assistiu-se a um crescimento constante do interesse pela teoria e prática da tradução e, nos anos noventa, os Estudos da Tradução tornaram-se finalmente numa disciplina de direito próprio, na década que testemunhou a sua globalização.

Denominada por alguns estudiosos como Ciência da Tradução e para outros como Tradutologia, Mona Baker (1998, p. 277), citando James Holmes (1988, p. 70), menciona que a designação mais largamente utilizada hoje é a de “Estudos da Tradução”, e sugere a seguinte definição para o termo:

“Estudos da Tradução” atualmente entende-se como designação da disciplina acadêmica que se dedica ao estudo da tradução como um todo, literária ou não literária, incluindo as várias formas de interpretação oral, bem como dublagem e legendagem. [...] Além disso, entende-se que os “Estudos da Tradução” englobam o espectro de pesquisa e atividades pedagógicas: o desenvolvimento de quadros teóricos, os estudos de caso, questões práticas como a formação de tradutores, o desenvolvimento de critérios para a avaliação de traduções.²

Nesse sentido, com tanta energia direcionada para uma investigação mais aprofundada do fenômeno da tradução, e com o propósito de demonstrar, sobretudo, o amplo panorama das reflexões teóricas em torno da tradução especializada, antes de abordar o foco deste trabalho — que propõe *stricto sensu* discutir os aspectos culturais e/ou ideológicos na tradução técnica e suas implicações para o tradutor —, convém fazer uma pausa para apresentar brevemente a tendência atual nas pesquisas em terminologia, dentre aquelas cujos pressupostos prévios vêm se constituindo em referência para uma visão mais abrangente sobre a natureza dos textos de conteúdo técnico.

Não se trata, no entanto, de abordar um conjunto de aspectos generalizados sobre o que tradicionalmente se entende por terminologia, cujas percepções ligadas ao senso comum costumam caracterizá-la apenas como uma mera prática que resulta na elaboração de recursos lexicográficos e terminológicos diversos, destinados ao acervo de especialistas das mais distintas áreas, como a medicina, o direito, a biologia, a aviação, as engenharias, etc. Contrariamente, os estudos em terminologia podem seguir por outras linhas de trabalho e constituir-se em referência teórica na interface com os Estudos da Tradução. Aliás, sobre essa concepção mais ampla da terminologia, Cabré (2003, p. 10) afirma que:

No entanto, o trabalho terminológico pode ter outros cenários de representação e comunicação que podem requerer uma concepção mais ampla da terminologia. As necessidades terminológicas da tradução são um bom exemplo da diversidade de dados que a atividade tradutória requer para produzir um texto equivalente enquanto ao conteúdo, mas correto e adequado enquanto a expressão.³

² 'Translation studies' is now understood to refer to the academic discipline concerned with the study of translation at large, including literary and non-literary translation, various forms of oral interpreting, as well as DUBBING and SUBTITLING. [...] 'Translation studies' is also understood to cover the whole spectrum of research and pedagogical activities, from developing theoretical frameworks to conducting individual case studies to engaging in practical matters such as training translators and developing criteria for translation assessment.

³ Sin embargo el trabajo terminológico puede tener otros escenarios de representación y comunicación que pueden requerir una concepción más amplia de la terminología. Las necesidades terminológicas de la traducción son una buena muestra de la diversidad de datos que la actividad traductora requiere para producir un texto equivalente en cuanto a contenido, pero correcto y adecuado en cuanto a expresión.

Nesse sentido, buscou-se explorar um dos vários pontos de intersecção entre tradução e terminologia, com foco em algumas publicações, dentre aquelas que destacam os princípios fundadores da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), uma teoria que, de acordo com Cabré (2003), propõe ver os “termos” como unidades linguísticas, enfatizando o papel da língua como instrumento de comunicação. Para os nossos propósitos neste capítulo, acolhemos alguns dos fundamentos da TCT, dentre aqueles que postulam como princípio básico que o estatuto de “língua de especialidade” está determinado pelo universo contextual em que “a língua comum” é utilizada. Essa distinção entre uma e outra nos remete por sua vez à velha tensão sobre a delimitação entre “termo” e “palavra”, constituindo-se exemplo de mais uma das dicotomias que, tradicionalmente, sempre estiveram presentes nos Estudos da Tradução. Para Ottoni (1998, p. s/nº), por exemplo, essas dicotomias estão fortemente arraigadas e dificilmente são questionadas. Assim,

toda reflexão sobre a tradução está, de uma maneira ou de outra, estruturada em dicotomias. [...] nosso propósito consiste em questioná-las para poder situar melhor o papel do tradutor e refletir sobre sua relação com as línguas envolvidas na tradução.

Esse cenário de algum modo também contribuiu para o nosso interesse pela discussão em torno da dicotomia comum/especializado que — embora não seja tão central a exemplo de outras controvérsias mais antigas e arraigadas em torno da tradução, como as de teoria/prática e técnica/literária, entre outras —, servirá de cenário ideal às reflexões teóricas que se cruzam no âmbito da tradução e da terminologia. Em suma, as reflexões sobre a atividade tradutória têm manifestado, durante anos, posicionamentos diversos através da relação entre as várias dicotomias. Por fim, antes de explorar um pouco mais acerca das reflexões envolvendo a delimitação entre língua comum e língua especializada, propomos em primeiro lugar apresentar um breve histórico acerca de alguns antecedentes importantes para compreender como se chegou à formulação da TCT como proposta alternativa às reflexões mais tradicionais no âmbito da Terminologia.

Ao contrário das reflexões sobre a tradução, que historicamente têm uma longa tradição, a terminologia é uma área relativamente recente por constituir-se em um campo de conhecimento que começou a se estabelecer na segunda metade do século XX. Mais precisamente, nasceu em Viena na década de 1930 com o engenheiro e documentalista suíço Eugen Wüster (Wieselburg 1898 — Viena 1997), a quem foi atribuído o papel de fundador da Teoria Geral da Terminologia (TGT). Os objetivos dessa teoria resumem-se em obter uma

comunicação inequívoca e sem ambigüidade sobre os temas especializados, além de buscar a univocidade entre o conceito e seu respectivo termo, independente do contexto de sua utilização. Para Cabré (2007, p. 72), essa proposta, que parte de uma idealização enviesada do objeto de conhecimento, defende que os termos não coincidem com as unidades léxicas (ou palavras) próprias das línguas naturais. Em razão disso, a TGT tem recebido muitas críticas de algumas das novas vertentes da terminologia. Entre as principais se destaca a TCT, que não nega a importância da teoria clássica, mas tende a enfatizar o papel da linguagem na caracterização das unidades terminológicas. Sobre a formulação de uma proposta teórica alternativa à TGT, Cabré (2003, p. 10) expressa a seguinte opinião:

Qualquer teoria tem como objetivo primordial descrever os dados reais, deve ser internamente coerente e ter capacidade de previsão. Se houve críticas à teoria tradicional é porque o objeto terminológico foi restringido aos dados normalizados observados fora de contexto.⁴

Vencidas essas observações, passamos a retomar a questão envolvendo o pensamento dicotômico entre língua comum/língua de especialidade, cuja controvérsia no âmbito da tradução especializada diz respeito à distinção entre “termo” e “palavra”. Sobre essa tensão acerca da delimitação de ambas as categorias, enfatizamos o nosso posicionamento a favor da fundamentação teórica formulada por Cabré (1999, 2003), visto que a TCT propõe ver os termos como unidades linguísticas, cujo conceito dependerá do contexto de sua utilização, assumindo, portanto, a polissemia, os neologismos, a sinonímia e os recursos metafóricos e metonímicos como uma realidade da linguagem técnica-científica, de maneira análoga ao que ocorre nos discursos não especializados. Nesse sentido, ao conceito de termo associamos a ideia de unidades léxicas (ou palavras) utilizadas com valor especializado.

O caso da tradução dos textos técnicos tem sido abordado por outros teóricos dos Estudos da Tradução como Paulo Ottoni, Almeida e Azenha Júnior, que igualmente conferem especial importância às questões envolvendo a problemática em torno do significado de termo e palavra. Ao tratar da problemática das palavras na tradução do texto técnico e da ilusão de que o tradutor técnico opera com uma linguagem diferente daquela dos textos literários, Ottoni (2005, p.119), citando Rónai, comenta:

⁴ Toda teoría debe tener como finalidad esencial describir los datos reales, debe ser coherente internamente y tener capacidad predictiva. Si ha habido críticas a la teoría tradicional es porque el objeto terminológico ha sido restringido a los datos normalizados observados fuera de contexto.

Como essa ideia não passa de ilusão verificamo-lo ao lermos esse livro excelente [A tradução científica e técnica de Jean Maillot traduzido para o português pelo próprio Paulo Rónai]. Mostra ele como a polissemia, essa enfermidade da linguagem (que lhe enfraquece a lógica, enquanto a torna apta à expressão poética), infeta o domínio da terminologia científica.

Almeida (2006, p. 88) lista alguns fundamentos essenciais para uma compreensão integrada sobre a dicotomia termo/palavra, quais sejam:

i) a diferença entre termo e palavra se observa, fundamentalmente, na situação comunicativa; ii) os termos devem ser observados no seu ambiente natural de ocorrência; iii) a variação conceitual e denominativa deve ser considerada; [...] v) os níveis lexical, morfológico, sintático e textual podem veicular conhecimento especializado.

O estudo de conceitos fundamentais das linguagens técnicas elaborado por Azenha Júnior (1997, p. 142) mostrou que,

as diferenças entre a linguagem comum e as linguagens técnicas são diferenças de grau, mas não de essência, e que, portanto, o processo de produção dos textos técnicos está sujeito a variáveis que são diferentes em grau, mas não em essência, das que influenciam a produção e a recepção de qualquer tipo de texto.

Ou seja, nos nossos termos, além da necessidade de se considerar a variação conceitual e denominativa, não existe uma relação biunívoca entre o termo e sua respectiva definição, pois um mesmo termo admite diferentes definições (e vice versa), até em contextos especializados diferentes. Cabré (2007, p. 14), de maneira mais elaborada, afirma que:

as unidades terminológicas são concebidas como unidades do léxico das línguas que adquirem um sentido preciso quando utilizadas em contextos profissionais definidos tematicamente. São apenas estes dois fatores: a ativação de um sentido preciso e as condições pragmáticas de uso que separa os termos de outras unidades lexicais não marcadas enquanto a sua condição de terminologicidade. Não são as unidades léxicas, pois, que são diferentes das palavras, senão a sua utilização em contexto o que permite caracterizá-las como termos.⁵

Para exemplificar uma prática terminológica coerente com os fundamentos da TCT, propomos a análise da palavra “severidade”, a qual aparece em vários trechos do *corpus* selecionado como objeto do presente trabalho. Tanto em português como no espanhol, em âmbitos não especializados, isto é, em contextos que fazem o uso comum da língua, um dos

⁵ las unidades terminológicas se conciben como unidades del léxico de las lenguas que adquieren un sentido preciso cuando se usan en contextos profesionales definidos temáticamente. Son solo estos dos factores: la activación de un sentido preciso y las condiciones pragmáticas de uso lo que separa a los términos de otras unidades del léxico no marcadas en cuanto a su condición de terminologicidad. No son las unidades léxicas pues las que son diferentes de las palabras, sino su uso en contexto lo que permite caracterizarlas como términos.

sentidos para “severidade” invariavelmente está relacionado à qualidade de severo, rigoroso ou áspero. À guisa de exemplo, sob essa definição mais ampla, segue abaixo um exemplo com a palavra “severidade”:

Exemplo 1: “É um crime visto com muita severidade, pois mexe com a vida de um indivíduo.”⁶

Por outro lado, em um contexto especializado, como é o caso do TP que serviu de objeto para o presente trabalho, o termo “severidade” foi utilizado pelo autor como sinônimo de gravidade e, segundo a sua definição na subárea de segurança de voo, está relacionado com as perdas associadas a uma determinada atividade, podendo ser medidas em termos de redução da capacidade de operação, ferimentos e mortes, danos ao equipamento, etc. Vejamos o seguinte excerto, retirado do TP e disposto abaixo:

Exemplo 2: “Risco é a medida da insegurança, que pode ser quantificada através da combinação da probabilidade de ocorrência de um evento indesejável, (...), e da severidade das perdas estimadas em função a ocorrência do evento.” (BASTOS, 2011, p. 5)

Como os termos técnicos são menos frequentes desde a perspectiva de um *corpus* genérico, a palavra “severidade” apenas se revelou como termo, em razão da análise em um *corpus* específico, ou seja, em um contexto especializado.

Com efeito, os termos devem ser observados em seu ambiente natural de ocorrência, isto é, nos discursos especializados, devendo-se encontrar um sentido para o termo no seu contexto de uso em um *corpus* específico, e não apenas no conceito estabelecido pelos dicionários convencionais.

2.1.2. MARCADORES CULTURAIS NOS TEXTOS TÉCNICOS E OS DESAFIOS PARA O TRADUTOR

Durante décadas, as teorizações sobre a tradução estiveram focadas na investigação e no registro da sua própria história (historiografia da tradução), ou tendiam a condenar a tradução a uma posição de inferioridade em relação ao texto que lhe dera origem, isto é, o original. De acordo com esta abordagem estritamente linguística, diga-se de passagem, a tradução estaria fadada a uma mera substituição de material textual no conjunto de signos linguísticos no TP por material textual “equivalente” no conjunto de signos no TC.

⁶ Fonte: <<http://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: 22 set. 2013.

Paralelamente a essa visão marcada pela transposição de significados de uma língua para outra, preservando integralmente a forma do original, ressurgiu com força plena, na passagem do século XIX para o século XX, uma tendência entre os principais teóricos da época que, como Koller (1972 apud AZENHA JÚNIOR, 2013, p. 127), tinham uma visão segundo a qual “do ponto de vista linguístico, a tradução pode ser descrita como recodificação ou substituição: elementos a1, a2, a3... do inventário de signos da L1 são substituídos por elementos b1, b2, b3... do inventário de signos linguísticos da L2.” De acordo com essa corrente de pensamento, é possível vislumbrar que apenas o recurso a dicionários e gramáticas seria suficiente para o exercício da atividade tradutória. No entanto, a tradução é uma atividade que envolve, invariavelmente, duas línguas: a de partida e a de chegada, e conseqüentemente, duas “tradições culturais”. Assim, à luz do desenvolvimento dos Estudos da Tradução a partir da segunda metade do século XX — época essa marcada pela influência da vertente chamada funcional-cultural⁷ —, houve uma mudança de paradigma conhecida por muitos pesquisadores como “virada cultural”, e em consequência as possibilidades de investigação nesse campo se diversificaram. Essas transformações, antes de inspirar pesquisas e obras que tempos depois buscaram apresentar toda a problemática envolvendo o trabalho da tradução técnica em suas relações com os aspectos culturais, consistiram primeiramente em reconsiderar a desigualdade de estatuto entre o original e a tradução, cuja diferença foi enfatizada no início da presente discussão. Azenha Júnior (2013, p. 128), acerca dessa mudança de paradigma que segundo ele marcou os Estudos da Tradução em meados dos anos 1970, aproximadamente, afirma que

a ênfase da reflexão sobre tradução desloca-se do texto de partida e de uma noção de tradução como substituição e equivalência para a recepção da tradução, sua função no ambiente de chegada, sua sujeição a várias condicionantes – normas, convenções, comportamentos, entre outras – e à influência de agentes – quem pede, quem faz, quem deve receber a tradução, entre outros.

Essa abordagem voltada para o polo receptor também foi empreendida em grande parte pelos funcionalistas, tal como o pesquisador israelense Gideon Toury que, influenciado pelo

⁷ Abordagem que teve origem no bojo da escola Funcional-Cultural dos Estudos da Tradução na Alemanha, a qual foi recortada e adaptada por Azenha Jr. (2013) para aplicação à tradução técnica, a fim de proporcionar uma visão do tradutor técnico como intermediador cultural, e não um mero transcodificador linguístico, visto que as condições de recepção (função) da tradução na cultura de chegada também devem ser levadas em conta.

paradigma teórico conhecido como Teoria dos Polissistemas⁸ — elaborada pelo colega e também israelense Even-Zohar no final da década de 1960 —, adotou uma postura contrária às reflexões teóricas que dominavam o período histórico anterior à década de 1970, segundo as quais *stricto sensu* se limitavam ao estudo da tradução sempre à margem da cultura-alvo. O posicionamento ao lado da LC desse pesquisador dos Estudos Descritivos da Tradução⁹, embora voltado mais precisamente para os estudos acerca da tradução literária, também serviu para corroborar as reflexões teóricas que orientam este trabalho, visto que Carvalho (2005, p. 41), em sua dissertação de mestrado, citando Toury explica que,

para Toury, a cultura-alvo em geral determina a necessidade da tradução. Assim, textos traduzidos são produzidos para ocupar um lugar ou preencher algum vazio nesse sistema. Mesmo quando uma cultura cujo idioma seja pouco falado fora de suas fronteiras procure traduzir suas obras nacionais para fins de difusão internacional, a tradução só funcionará como tal se o sistema-alvo lhe atribuir esse uso. Logo, só será possível constatar que um texto recebe o tratamento de tradução a partir da cultura-alvo.

Diante dessas transformações, Azenha Júnior (2010, p.37) entende que “a primazia do texto a ser traduzido cede lugar paulatinamente às condições de recepção do texto traduzido.” Vale ressaltar, no entanto, que não pretendemos, de maneira análoga às teorizações por vezes radicais ou frontalmente opostas, enfatizar um aspecto em detrimento de outro. Defendemos uma visão integrada do fenômeno tradutório, em que tanto o TP como o TC devem ser concebidos como objetos de significativo valor para as reflexões que conduzem às escolhas adequadas durante o ato tradutório. Porém, não poderíamos deixar de enfatizar que essa mudança de paradigma operada a partir da década de 1970, cujos efeitos puderam ser vislumbrados nas duas citações anteriores, foi de extrema relevância para a abertura de foco nos Estudos da Tradução como um todo. Por consequência, consideramos que, no âmbito dessas transformações, encontram-se as reflexões que giram em torno da tradução da modalidade de textos técnicos e suas especificidades, dentre as quais merecem especial destaque o caso dos marcadores culturais e as implicações para o tradutor.

⁸ Em linhas gerais, essa teoria concebe determinada cultura como um grande sistema, internamente composto por subsistemas – daí no nome polissistema – e que se relaciona com outros sistemas paralelos. Dentro do polissistema de uma cultura figura, por exemplo, o sistema literário que, por sua vez, abriga o da literatura traduzida (CARVALHO, 2005, p.27).

⁹ Segundo esse modelo, a visão da tradução não fica limitada apenas aos textos, enfatizando as culturas de chegada e de partida, e a análise passa a ser feita a partir da cultura de chegada, sendo vários aspectos relevantes ao estudo, como os fatores sociais, políticos, ideológicos e culturais. Em poucas palavras, se dedica a estudar tudo que seja apresentado e recebido como tradução, independentemente da existência de um original.

A partir dessas observações gerais e apoiando-nos, sobretudo, em obras mais específicas e recentes sobre as implicações de ordem cultural na tradução, foi possível compreender que hoje a atividade tradutória voltada para os textos especializados envolve, além do domínio acerca dos signos linguísticos (incluindo o conhecimento especializado), um vasto conhecimento sobre um conjunto de variáveis extralinguísticas. Diante desse cenário, Azenha Júnior (1999, p. 38), ao considerar o texto técnico como um texto híbrido e exposto a variações culturais, abre caminho para uma mudança de paradigma em relação às pesquisas sobre tradução técnica, segundo a qual o tradutor técnico é também um especialista em comunicação intercultural:

Essa posição de responsabilidade na administração de muitas variáveis redimensiona o papel do tradutor que, de diletante subjugado a uma visão de linguagem e de texto marcada pela parcialidade, passa a participante ativo no processo de tradução, nele atuando como “técnico”, como “especialista” para a produção de textos, cujo objetivo é viabilizar a comunicação entre culturas.

Assim, a partir do pressuposto de que posicionamentos frontalmente opostos sempre erram o alvo, defendemos uma visão integrada entre essa realidade linguística e extralinguística na atividade de tradução técnica, de forma que o objetivo maior seja prover uma tradução em níveis adequados de aceitação. Porém, com o propósito de delimitar esse amplo campo de investigação, a fim de proporcionar uma visão mais clara acerca das dimensões extralinguísticas na tradução técnica, essa etapa da discussão se ocupa do exame de algumas propostas teóricas dentre aquelas que tratam especificamente das questões de ordem cultural e/ou ideológica no processo tradutório, com foco na identificação e tratamento tradutório dos marcadores culturais presentes no TP. O respaldo teórico para o assunto em questão teve como base primordial as reflexões de Aubert (2003, 2006), bem como as valiosas contribuições de Azenha Júnior (1997, 1999, 2010, 2013). A partir da abordagem sistematizada desses autores e, sobretudo, através da própria prática tradutória do autor durante a primeira fase do presente Projeto Final, foi possível observar que a identificação e a tradução dos marcadores culturais constituem um elemento de profunda complexidade, que pode se agravar em razão da escassez de modelos teóricos que indiquem procedimentos que orientam a uma tradução adequada.

Convém destacar ainda que, no âmbito dos Estudos da Tradução, o arcabouço teórico acerca dos marcadores culturais é abordado de forma um tanto quanto irrestrita e complexa. Por conseguinte, em razão dessa complexidade e da limitada extensão deste trabalho de

conclusão de curso, procuramos como ponto de partida estabelecer uma abordagem cujas prioridades acompanharão o seguinte curso:

- i. Delimitar e apresentar o conceito para marcador cultural;
- ii. Estabelecer procedimentos que conduzam a sua correta identificação; e
- iii. Refletir acerca de algumas soluções possíveis de tradução, a partir de exemplos reais encontrados no TP.

Antes de teorizar acerca desses três quesitos, é importante ressaltar que a tradução de elementos culturais, próprios de um determinado sistema, é um tema que, além de despertar interesse de pesquisadores da tradução técnica, tradicionalmente ocupa o centro dos estudos de pesquisadores relacionados com a tradução literária. Por exemplo, Bassnett (2003, p.8) afirma que “ao escritor cabe dar às palavras uma forma ideal e imutável enquanto ao tradutor cabe a tarefa de as libertar do confinamento da língua de partida insuflando-lhes uma nova vida na língua para que são traduzidas.” Ou seja, tendências como essa, que caracterizam essencialmente a tradução como um ato de “reescrita criativa”, embora mais facilmente perceptíveis no domínio da tradução literária, também são de interesse para as reflexões cujo centro é a tradução técnica. Ainda que a tradução de textos dessa categoria constitua uma atividade que geralmente apresenta uma faixa de interpretação muito estreita e que tende a seguir a forma do TP, especialmente se pensarmos nos manuais de instruções ou em bulas de remédios — cujo objeto central são as unidades terminológicas —, por outro lado também é fato que os textos, mesmo sendo técnicos, dependendo da sua função comunicativa — isto é, a que tipo de público estão destinados — podem assumir formas não tão rígidas quanto ao vocabulário na medida em que imputam ao tradutor habilidades que vão além do mero domínio da terminologia representativa de uma determinada área de especialidade. Diante disso, convém salientar que, além do domínio sobre a terminologia envolvida, é desejável que o tradutor tome conhecimento das especificidades culturais na LC. As autoras Polchlopek e Aio (2009), em um artigo publicado na Revista Brasileira de Tradutores (Tradução & Comunicação), referindo-se a Azenha Júnior (1999) mencionam que,

Essa modalidade de tradução tematiza, igualmente, a questão maior da linguagem, do processo de tradução, de níveis de equivalência textual e do papel dos agentes envolvidos nessa tarefa, no sentido de se perceber e construir uma prática que envolve, também, condicionantes culturais, ou seja, a necessidade de uma interferência mais direta por parte do tradutor sobre o texto, caso as diferenças culturais entre emissor e receptor sejam sensíveis.

Por fim, é preciso estar atento à linguagem em uso no TP, no sentido de tentar que a informação chegue ao público-alvo da forma mais simples ao seu entendimento. Um exemplo real dessas observações, retirado do próprio texto selecionado para este trabalho, consistiu na opção pela construção *peligro de muerte* em vez de oferecer uma tradução mais literal como *riesgo de vida*, contribuindo dessa maneira para alcançar um público mais amplo no polo receptor. Consideramos importante, então, ter em mente que a língua é parte integrante da cultura e, portanto, os textos técnicos também estão expostos à variação cultural, a qual merece especial cuidado durante o ato tradutório.

A complexidade que envolve lidar com aspectos culturais no processo tradutório tem sido objeto de pesquisa exclusiva de algumas correntes teóricas no âmbito dos Estudos da Tradução que, como Aubert (2003, 2006), costumam apontar os marcadores culturais como um dos obstáculos mais difíceis no processo de tradução. Além das dificuldades quanto à correta identificação, o próprio conceito de “marcadores culturais” é bastante amplo, não havendo na visão desse teórico, portanto, uma definição que seja aceita por todos. Aubert (2006, p. 24) diz que,

com efeito, identificação das marcas culturais não constitui uma operação simples e a própria conceituação do que vem a ser uma marca cultural expressa em determinado texto ou ato de enunciação é questão passível de controvérsia. O risco decorrente dessas imprecisões é atribuir a “questão de ordem cultural” tudo aquilo que não encontra explicação suficientemente convincente no quadro da descrição linguística contrastiva senso estrito.

Não obstante, partindo do pressuposto que língua e cultura são indissociáveis, pode-se entender que os marcadores culturais constituem elementos textuais, que estão dotados de uma carga cultural ou de conotações específicas na cultura de origem e que, ao serem transladados para outra cultura podem provocar uma compreensão nula do original na cultura-alvo.

Aubert (2006), no lugar de oferecer uma definição sistemática e irrestrita para o termo, prefere limitar-se ao campo empírico do conhecimento, ao enfatizar que os marcadores culturais se apresentam no TP dentro do domínio de três planos, a saber: (i) gramatical, (ii) discursivo, e (iii) referencial, além de indagar acerca das dificuldades na identificação de tais dimensões. Em face do exposto, para os propósitos deste Projeto Final, optou-se pela abordagem dos aspectos culturais restritos à dimensão referencial das línguas, pelo fato desta se decompor em subcategorias que, como o plano extralinguístico, constitui o escopo do

presente trabalho. Para permitir uma visão mais clara da sua proposta de categorização no âmbito da dimensão extralinguística, Aubert (2006, p.35), citando Nida, descreve que

as dimensões extralinguísticas, tal como apresentadas na classificação proposta por Nida (op. cit.), comportam um excesso de sobreposições e ambigüidades, e cabe indagar se as suas quatro categorias – ecologia, cultural material, cultura social e cultura ideológica – não poderiam, com alguma vantagem, ser reduzida a duas: dimensão material (ecologia e cultural material) e dimensão sócio-ideológica.

Além da conceituação, outra dificuldade encontrada para se tratar de aspectos culturais no processo de tradução, segundo Aubert (2006), diz respeito à correta identificação dos marcadores culturais no TP. Na visão do teórico, tal tarefa imputa ao tradutor medidas que vão além da mera consulta a dicionários, visto que implica a análise sobre os termos e fragmentos textuais em contexto. Sobre isso, Aubert (2006, p.33) menciona que

o marcador cultural não é perceptível na expressão linguística tomada em isolamento, nem se encontra confinado dentro do seu universo discursivo original. O marcador cultural somente se torna visível (e, portanto, se atualiza) se esse discurso original (a) incorporar em si uma diferenciação ou (b) for colocado em uma situação que faça sobressair a diferenciação.

Dado o elevado nível de subjetividade em torno da identificação dos marcadores culturais, conforme explícito na citação acima, Aubert (2006, p.34) recomenda o cotejo (contraste) entre o original e a tradução, com vistas a um reconhecimento mais preciso:

com efeito, é de se perguntar se o pesquisador tem como identificar sistematicamente todos os marcadores culturais. Por mais consciente que o pesquisador seja das questões culturais, e ainda que seja dotado de um bilingüismo e de um biculturalismo razoavelmente avançado, é quase inevitável que, no cotejo original/tradução, venha a identificar com maior clareza aqueles marcadores culturais que se sobressaem na ótica de sua cultura dominante. Assim, a percepção desses marcadores culturais terá sido feita, sem dúvida, na ótica da diferenciação, mas, muito possivelmente, pela marcação dos termos que para o pesquisador surgem como diferenciados, por tal pesquisador pertencer a outra sub-comunidade linguística.

A partir da análise conjunta dessas observações, com vistas à sua delimitação para melhor entendermos as pretensões neste trabalho, destaca-se que, sob a ótica de Aubert (2006), os marcadores culturais se apresentam sob a forma de três planos, dentre os quais selecionamos o que ele denomina “dimensão referencial das línguas”, por se apresentar com mais nitidez no TP. Por conseguinte, o marcador cultural, como decorrente da referencialidade das línguas, conforme Aubert (2006, p. 29), desdobra-se em pelo menos três aspectos diferentes, dentre os quais merece destaque a “referencialidade extralinguística”, que

se subdivide em quatro modalidades distintas, que incluem o domínio ecológico (fauna, flora, tipografia, hidrografia, etc.) e as dimensões culturais de ordem material (objetos e espaços criados pelo homem), social (relações interpessoais diversas) e ideológica (referências a sistemas de crenças e valores). A fim de colocar em prática essas considerações teóricas, conforme veremos com detalhes na segunda e última fase desse capítulo, a atividade tradutória sobre o texto selecionado permitiu-nos identificar algumas dessas categorias, bem como serviu para vislumbrar a complexidade em torno do seu tratamento tradutório na direção do público-alvo considerado. Com efeito, os marcadores culturais representam efetivas dificuldades para o tradutor de textos de qualquer categoria, já que em tese esse profissional deveria encontrar na língua para a qual se traduz a mesma combinação de recursos estilísticos e de conteúdo utilizados no TP, de forma a transmitir um efeito similar nos receptores da cultura-alvo. Todavia, sabemos que na prática esta situação ideal não é possível, visto que os marcadores culturais podem ser compreendidos como características específicas de um país ou de uma comunidade linguística que dificilmente podem ser traduzidas literalmente. Como veremos mais adiante, algumas das estratégias envolvendo os “procedimentos técnicos da tradução”, adaptadas ao contexto da tradução de aspectos culturais, podem implicar por vezes na omissão, adaptação, explicação e/ou substituição de termos e expressões inteiras do TP. Por fim, cabe ressaltar que as especificidades culturais, linguisticamente expressas nos textos, podem evidentemente variar entre países que possuem em comum um único idioma, como é o caso do espanhol, que representa a língua oficial de mais de vinte países no mundo; ou, ainda, no âmbito de um mesmo país, como é o caso do Brasil, que possui uma diversidade cultural muito grande, que se distribui entre as cinco regiões que o compõe.

Outro ponto de partida para o estudo neste capítulo foi a hipótese de que, partindo das relações fundamentais entre linguagem e cultura, é possível compreender um texto técnico como uma estrutura multidimensional capaz de introduzir novos elementos de análise, como a controvérsia em torno das questões de ordem ideológica. Isso representa responsabilidade extra para o tradutor, tanto que, sob a ótica de Bassnett (2003, p.50),

[é] muito perigoso tentar impor o sistema de valores da cultura da língua de partida à cultura da língua de chegada e o tradutor não deve deixar-se tentar pela corrente que julga possível determinar as intenções originais de um autor com base num texto isolado. O tradutor não pode ser o autor do texto fonte, mas, enquanto autor do texto traduzido, ele tem uma inequívoca responsabilidade perante os leitores do texto na língua de chegada.

Diante das considerações levantadas até aqui, fica evidente o quanto pode ser problemático para o tradutor de textos técnicos se deparar com marcadores culturais no TP, tendo em vista a responsabilidade em transmitir tais elementos de maneira compreensível e aceitável para uma determinada cultura-alvo. A importância dessas questões, que constituíram o centro das reflexões que guiaram aos resultados do presente trabalho, sugere um redimensionamento do perfil do tradutor técnico, visto que influenciam diretamente nas suas escolhas lexicais, estratégias e decisões. Nos termos de Azenha Júnior (1997, p. 147), tal redimensionamento se resume numa maior autonomia do tradutor, pois

[é] a ele que cabe elucidar clientes e consumidores de traduções técnicas sobre as múltiplas relações de interdependência entre as escolhas que se fazem no plano do texto e suas possíveis interpretações por parte da comunidade de leitores, já que o texto técnico, como qualquer outro tipo de texto, é um todo integrado numa realidade tecnológica culturalmente condicionada, que ele reflete e condiciona.

Por fim, temos a convicção de que os desafios para o tradutor da modalidade de textos técnicos, tendo em vista as variáveis culturais consideradas neste estudo, exigem desse profissional da linguagem a necessidade de reflexões prévias e lhe requer o exame cuidadoso do que deve ser descartado, do que precisa ser substituído e/ou recriado no TC. Tais escolhas, que envolvem os procedimentos e/ou estratégias adotadas pelo tradutor, serão retomadas com mais detalhes e precisão durante a fase subsequente a esta primeira etapa da discussão, que conforme mencionado anteriormente, possui um caráter mais prático.

2.1.3. “MODALIDADES” DE TEXTOS TÉCNICOS E A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO COTIDIANO DO TRADUTOR

Como se tem afirmado ao longo do presente trabalho, as reflexões em torno dos Estudos da Tradução representam atualmente um campo de pesquisa extremamente diversificado. No âmbito da tradução técnica, as várias possibilidades de investigação podem ser atribuídas às distintas modalidades textuais nesse campo. A propósito, para Maillot (1969 apud OTTONI, 2005, p. 118): “Parece-nos que a tradução científica e técnica, com a multiplicidade de seus aspectos, representa o setor mais favorável ao estudo de uma forma de atividade humana que se aparenta mais às ciências do que às artes”. A tendência atual consiste em considerar técnicos não apenas os artigos científicos, manuais de instrução, licitações contratuais ou bulas de remédio, por exemplo, mas também outros tipos textuais, dentre os quais se destacam

os textos construídos para fins didáticos como apostilas, revistas e manuais que tradicionalmente são elaborados para servirem de auxílio às instruções na área de ensino e aprendizagem, quer seja no âmbito escolar/acadêmico ou no domínio profissional. Assim, em vista da variedade textual nessa área, que muitas vezes tem a ver com a função comunicativa dos textos, resulta natural que as abordagens sobre a tradução de textos técnicos também partam da interface com outros campos do conhecimento, dentre os quais uma área em particular contribuiu para as reflexões teóricas que orientaram esta fase da discussão: a Pedagogia. Sobre a veracidade desse pensamento, Azenha Júnior (1997, p.145) afirma:

[p]ara o estudioso que busca apoio teórico-metodológico para descrever o processo tradutório de forma mais próxima de sua complexidade, tal perspectiva requer uma predisposição para um trânsito contínuo de uma disciplina a outra, na busca de princípios, critérios e modelos combinados, a serem testados quanto à sua aplicabilidade e quanto à sua flexibilidade.

A taxonomia envolvendo as diferentes modalidades de textos técnicos pode servir *a priori* para combater uma noção pré-concebida, segundo a qual alguns tipos de texto são mais importantes do que outros. Não obstante, as classificações no âmbito dos Estudos da Tradução tendem a refletir perspectivas contraditórias, visto que os textos dificilmente expressam um único tema, e acabam se diluindo entre as fronteiras dos vários gêneros textuais. Dentre algumas reflexões que avançam nessa mesma perspectiva, Asensio e Fouces (2011, p.75) entendem que:

vale lembrar que a própria tarefa de classificar não está isenta de dificuldades e que seus resultados não devem ser entendidos (pelo menos, não devem ser entendidos sempre) como verdades imutáveis, fora de discussão. As classificações simplificam a realidade, ao mesmo tempo em que se afastam dela. Além disso, elas comportam uma metaforização conceitual e, embora possuam a vantagem de viabilizar a comunicação ao reduzir uma realidade complexa de difícil articulação em enunciados mais simples, apresentam ao mesmo tempo a desvantagem clara de distanciar-se dessa realidade a qual pretendem descrever. Não se deve esquecer também que as categorizações são construções mentais e, conseqüentemente, não parece prudente permitir que elas substituam a própria realidade, muito menos quando (como no presente caso) os critérios em que se baseiam parecem, no mínimo, discutíveis. [...] As classificações clássicas em tradução não conseguem dar conta da existência de fronteiras difusas entre seus elementos, da presença de elementos prototípicos e periféricos, nem tampouco de elementos da mesma classe que não compartilham qualquer característica em comum. A seleção dos elementos periféricos é subjetiva. Com frequência, em um texto não prevalece apenas um tema senão variados, sendo assim difícil classificá-lo em um único padrão de gênero (se é que de fato existem, para além do nível teórico).¹¹

¹¹ conviene no perder de vista que la propia tarea de clasificar no está exenta de dificultades y que sus resultados no deben entenderse (por lo menos, no deben entenderse siempre) como verdades inmutables, fuera de discusión. Las clasificaciones simplifican la realidad, al mismo tiempo que se distancian de ella. Comportan una metaforización conceptual y, aunque poseen la ventaja de facilitar la comunicación al reducir una realidad

Com efeito, as considerações de Asensio e Fouces (2011), expressas na citação acima e adaptadas ao contexto desta fase da discussão, refletem com perfeição a nossa opinião no que tange a qualquer tentativa de classificação no âmbito da tradução técnica e científica. Qualquer modalidade de texto técnico, além evidentemente de apresentar termos especializados, apresenta um conjunto complexo de segmentos textuais que, inevitavelmente, se mesclam com temas que são próprios de outros tipos textuais. Como exemplo, considera-se a seguinte situação hipotética: uma carta de amor, embora predomine o estilo literário, poderia evidentemente apresentar aspectos de natureza técnica, caso o seu remetente resolvesse relatar à pessoa amada, que ultimamente se encontrava muito triste, visto que teria que gastar muito dinheiro com o concerto do seu carro, já que o mecânico recomendou “fazer o motor em vista do rompimento do bloco”. Com base nessas observações, embora o título desta etapa da discussão faça referência a “Modalidades de textos técnicos”, sugerindo uma classificação nesse domínio, não constitui nosso foco qualquer tentativa de caracterizar o maior número possível de tipos textuais dessa categoria. Não obstante, preferimos uma forma menos controversa que nos permite considerar “textos com um elevado (ou reduzido) conteúdo cultural”. Em poucas palavras, entendemos que o caráter de “marcado culturalmente” é um *continuum* em que todo texto, incluindo os textos técnicos de distintas modalidades, pode se situar entre um grau máximo e outro mínimo. A propósito, Aubert (2003, p. 153), por conceber que tudo na língua porta em si uma ou mais marcas que revelam um vínculo cultural, dá luz a essas questões quando afirma,

Todo e qualquer texto, de qualquer tipologia, porta em si, explícita e implicitamente, marcas culturais variadas. As marcas podem fazer-se perceber na pressuposição, na gramática textual, nos recortes conceptuais, na estilística, nos idiomatismos e nas fraseologias, no léxico e, até mesmo, na materialidade do texto (leiaute). Textos há que buscam a universalidade: textos institucionais de circulação globalizada, textos acadêmicos e científicos em geral, textos técnicos. Mesmo estes, no entanto, ao recorrerem a valores presumidos como universais, fazem, na realidade, uso de recursos disponibilizados pela cultura dominante no momento histórico e na área de influência geopolítica de sua gestação, sem deixarem de traçar, na forma de conteúdo tanto quanto na forma de expressão, a sua localização em um espaço cultural definido.

compleja difícil de manejar a enunciados mucho más simples, presentan al mismo tiempo el inconveniente obvio de distanciarse de la misma realidad que pretenden describir. Conviene no perder de vista que las categorizaciones son constructos mentales y no parece prudente permitir que reemplacen a la realidad misma, menos todavía cuando (como en el caso que nos ocupa) los criterios en que se basan parecen, cuando menos, discutibles. [...] Las clasificaciones clásicas en traducción no dan cuenta de la existencia de límites difusos entre sus elementos, de la presencia de elementos prototípicos y elementos periféricos ni de elementos de la misma clase que no comparten ninguna característica en común. La selección de los elementos periféricos es subjetiva. Con frecuencia, en un texto no hay uno solo tema sino varios y suele ser difícil adscribirlo a un único patrón genérico (si es que tienen existencia factual, más allá del nivel teórico).

Com base nessas considerações, no bojo da modalidade de textos técnicos encontram-se os “textos didáticos” que, a exemplo do TP selecionado para este trabalho, costumam apresentar uma linguagem menos rígida quanto à terminologia, porém mais complexa em relação às reflexões em torno da atividade tradutória. Essa modalidade de texto técnico, ao contrário dos manuais de operação e montagem de maquinários, por exemplo, tem como principal característica a passagem de um conhecimento específico do campo técnico-científico para o campo generalizado de ensino e aprendizagem. Esse processo de transformação de objetos de conhecimento em objetos de ensino, conhecido na área da Pedagogia por transposição didática, é responsável por acrescentar ao texto conteúdos lexicais que costumam apresentar variações distintas, quer seja de ordem cultural, ideológica ou até mesmo de estilo, e suscitam na área dos Estudos da Tradução a seguinte hipótese: será que a transposição didática — entendida aqui como o menor grau de especialização dos textos técnicos, ou ainda como a “vulgarização” do conhecimento especializado, nos termos de Azenha Júnior (1999) —, eleva o grau de problemas na tradução de textos técnicos? Por último, importa destacar que dentre essas variações, que envolvem os conteúdos lexicais em uma transposição didática, as de estilo tradicionalmente correspondem às de menor importância, sendo até mesmo ignoradas por alguns pesquisadores da tradução. Sobre o tema, Ottoni (2005, p. 122), referindo-se a Rónai, comenta:

Ouve-se, às vezes, exprimir a opinião de que, na tradução técnica, os problemas de estilo carecem de importância. De certo, a tradução técnica não é, de modo algum, um exercício literário, mas, sendo o estilo na verdade a maneira de exprimir o pensamento por meio dos [com o auxílio dos] recursos da língua, os mesmos problemas hão de surgir sempre, qualquer que seja o setor [domínio] no qual se exerce a atividade do tradutor.

Desse modo, como ponto de partida para uma discussão mais sistemática sobre a tradução técnica, no contexto do fenômeno da transposição didática, começamos por tomar emprestado da área de Pedagogia uma definição condizente para o referido termo. Segundo Chevallard (1991 apud POLIDORO e STIGAR, 2006, p.154), a transposição didática pode ser entendida como

um processo no qual um conteúdo do saber que foi designado como saber a ensinar sofre, a partir daí, um conjunto de transformações adaptativas que vão torná-lo apto para ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O trabalho que transforma um objeto do saber a ensinar em um objeto de ensino é denominado Transposição Didática.

Essa definição foi proposta por Ives Chevallard em 1985; porém, o termo já havia sido introduzido pelo sociólogo Michel Verret, na década anterior. Em um sentido mais restrito, a transposição didática pode ser entendida como a passagem do conhecimento científico ao conhecimento ensinado, visto que a necessidade de se ensinar determinado conhecimento leva à necessidade de modificá-lo, a fim de torná-lo assimilável pelo público-alvo.

Através dessa abordagem inicial e, sobretudo, a partir da interface com outros pressupostos básicos acerca de propostas pedagógicas na área de Pedagogia, é possível inferir que os conhecimentos técnicos e científicos, à medida que são elaborados, passam por processos de codificação, sendo que os processos didáticos, inversamente, passam por uma decodificação ou transposição para ser apreendidos pelos seus interlocutores. Em outras palavras, subentende-se que os conteúdos de determinada área do conhecimento sofrem transformações didáticas, através das quais objetiva-se responder às necessidades de ensino e/ou capacitação profissional, quer seja em ambiente escolar/acadêmico ou técnico/profissional. Essas transformações, por sua vez, implicam em algumas competências que o autor precisa estar atento em desenvolver como, por exemplo, saber fazer recortes na sua área de trabalho para melhor adequá-los às necessidades cognitivas do público-alvo. Os dois recursos mais importantes para tornar possível essa tarefa, ou “instrumentalizar a transposição didática”, são chamados por Mello (2004) de “interdisciplinaridade” e “contextualização”. Para os propósitos deste trabalho, importa conhecer com mais detalhes as questões em torno do processo de contextualização. Mello (2004, p.61), referindo-se à importância da contextualização, afirma que,

[q]uase todos os fatos, problemas ou fenômenos físicos, psíquicos, individuais, sociais, culturais, religiosos, com os quais os alunos entram direta ou indiretamente em contacto, podem ser relacionados ao conhecimento próprio de uma ou mais áreas ou disciplinas do currículo. Dito em outras palavras, isso quer dizer: todos os contextos, próxima ou remotamente familiares ao aluno, têm uma dimensão de conhecimento ou informação. Quanto mais próximos estiverem o conhecimento escolar e os contextos presentes na vida pessoal do aluno e no mundo no qual ele transita, mais o conhecimento terá significado.

Com efeito, contextualizar o ensino significa incorporar no discurso a riqueza e complexidade de aspectos da vida pessoal e quotidiana do aluno, da sociedade ou mundo em ele vive, com vistas a ajudá-lo a dar significado ao conhecimento científico. Não obstante, a partir dessas considerações, a questão mais relevante às reflexões que orientam a presente fase do Projeto Final consiste em destacar os níveis de dificuldade que esse processo de transformação do conhecimento científico para o conhecimento didático representa ao

tradutor de textos técnicos. A propósito, Azenha Júnior (1999), nos seus estudos acerca das condicionantes culturais na tradução técnica, sob a ótica do que ele denomina “vulgarização de obras técnicas” (ou transposição didática), revisa esses fenômenos didáticos que envolvem o trânsito de exemplos extraídos do cotidiano das pessoas, nos textos de conteúdo técnico, bem como as suas conseqüências para o tradutor de textos dessa categoria. Acerca desses aspectos, são ilustrativas as palavras de Schmitt (1988 apud AZENHA JÚNIOR, 1999, p. 78):

Referimo-nos com isto àqueles casos em que as denominações não são equivalentes, pois os conceitos por ela designados não coincidem, já que são culturalmente condicionados, isto é, estão sujeitos a diferenças culturais. Visto que a linguagem é parte essencial da cultura, poderíamos nos sentir espontaneamente inclinados a falar, nesses casos, de uma incongruência conceptual interlinguística. Tal noção, porém, não resiste a uma observação mais apurada, já que – como se sabe –, as fronteiras linguísticas não coincidem com as “as fronteiras” culturais.

Dentre as “incongruências conceituais interculturalmente condicionadas”, propostas por Schmitt e adaptadas por Azenha Júnior (1999), que mais se relacionam com o fenômeno da transposição didática e suas implicações ao tradutor técnico, destacamos o caso dos “exemplos específicos de determinada cultura”. Nesse modelo, Azenha Júnior (1999, p.81) diz: “Sobretudo no caso de textos de instrução e de obras de vulgarização da ciência, é comum os conceitos veiculados serem ilustrados por exemplos e comparações extraídos da experiência mais cotidiana do grupo de leitores visado”. É o caso, por exemplo, de referências a lugares, tal como se pode observar na sentença retirada do TP, disposta abaixo:

Pois bem, em certa ocasião, o comandante estava para quebrar seu recorde (que já era baixo) e aproximou para o Santos-Dumont (SBRJ) acima da velocidade correta, levando a aeronave a ultrapassar os limites da pista e parar sobre as pedras localizadas junto ao mar (BASTOS, 2011, p. 10).

Sobre essas questões envolvendo a tradução de textos didáticos, Reiß (apud AZENHA JR., 1999, p. 48) examina fundamentalmente duas possibilidades que, na verdade, estão inter-relacionadas; a saber:

a) a tradução assume, na língua de chegada, uma função diferente da que tinha o texto de partida. É o caso de resumos ou resenhas de livros de peças de teatro de obras de ficção, etc. É o caso, ainda, das alterações que devem sofrer certos textos para efeitos de pesquisa ou para propósitos didáticos; b) a função comunicativa do texto de partida permanece basicamente a mesma, mas o texto de chegada visa a um grupo de destinatários diferente do grupo a que visava o texto de partida. É o caso, por exemplo, da vulgarização de obras técnicas, da tradução/adaptação de obras da literatura universal para um público infanto-juvenil, entre outros.

Para tanto, nas decisões e escolhas tomadas na tradução da modalidade de textos técnicos marcados culturalmente, como os textos didáticos, a tendência consiste em se considerar o pano de fundo sócio-cultural e as condições de recepção do TC, com vistas a decidir pela estratégia de tradução adequada ao contexto, quer seja através da adaptação, da recriação, da substituição, da explicação ou da omissão, entre outras.

Para finalizar, as reflexões desenvolvidas ao longo desta primeira fase da discussão teórica serviram para concluirmos, de forma preliminar, que os textos especializados, elaborados didaticamente, tal como o TP selecionado para este trabalho, são formas híbridas, que requerem um grau maior de reflexão, visto que oferecem um elevado nível de dificuldades tradutórias, em vista do fato de incorporarem aspectos relacionados à vivência de situações reais no contexto da LP.

2.2. TRADUZINDO UMA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Esta sessão do presente capítulo tem como principal propósito estabelecer um diálogo entre o embasamento teórico que envolve as reflexões em torno da modalidade da tradução de textos técnicos — tal como apresentado na primeira fase da discussão teórica —, e o objeto de estudo do presente Projeto Final, ou seja, a investigação do texto didático **Gerenciamento do Risco Operacional** (2006), elaborado pelo CENIPA, a partir do qual foram realizadas a tradução e as reflexões aqui apresentadas. Nesse sentido, primeiramente são abordadas questões relativas aos dados obtidos sobre a primeira tradução elaborada pelo CENIPA. Em seguida, na segunda parte do capítulo, são identificados exemplos reais de marcadores culturais no TP, em consonância com as categorias propostas por Aubert (2006), e reflete-se sobre o respectivo tratamento pelo tradutor de textos técnicos. Para contextualização das estratégias desenvolvidas durante o ato tradutório, pretende-se discutir os procedimentos adotados em relação à tradução de elementos de ordem cultural e/ou ideológica, através de exemplos reais de excertos retirados do TP selecionado para este estudo. As soluções apresentadas às principais dificuldades de tradução têm como respaldo teórico os procedimentos técnicos da tradução, apresentados por Barbosa (1990), a partir da sua proposta de recategorização dos procedimentos descritos por Vinay e Darbelnet, o modelo didático do processo tradutório de Alves (2000), além da própria experiência profissional do autor. Vale ressaltar que a proposta de categorização das estratégias de tradução descritas por Barbosa não se restringe ao tratamento exclusivo dos marcadores culturais, visto que segundo

a própria autora foram propostos como uma tentativa de responder à pergunta “como traduzir?” (BARBOSA, 1990, p. 63). No entanto, sua clareza terminológica na gradação das estratégias pareceu-nos bastante pertinente, visto que facilitou o tratamento tradutório de elementos culturais identificados no TP.

2.2.1. HISTÓRIA TRADUTÓRIA DE *GERENCIAMENTO DE RISCO OPERACIONAL*: PRIMEIROS PASSOS

A revisão da bibliografia efetuada no capítulo anterior mostra que a tradução técnica e científica é uma atividade que envolve competências muito vastas e que constitui, simultaneamente, um ato de criação e uma expressão de cultura. Ao se estender o domínio de atuação do tradutor técnico das fronteiras da gramática e da terminologia específica para as questões de ordem cultural, amplia-se consideravelmente a margem de atuação e responsabilidade desse profissional da tradução e modificam-se os critérios de avaliação de seu trabalho. Azenha Júnior (1997, p. 146) resume bem a ideia acerca dessa extensão do plano de ação do tradutor:

a ampliação dos limites de atuação do tradutor técnico sugere um trabalho voltado para a conscientização de variáveis envolvidas num processo tão complexo, para a formação de um espírito crítico, no sentido do reconhecimento de potencialidades e do emprego consciente de recursos expressivos.

Para o tradutor técnico que, com frequência, se depara com a necessidade de desenvolver habilidades que lhe permitam articular distintas dimensões da linguagem, dentre elas o conjunto de valores e de padrões comportamentais extralinguísticos de determinada cultura — que constitui o foco deste trabalho —, a percepção do envolvimento dos textos com uma situação de comunicação e com uma realidade cultural gera também a necessidade de reflexões prévias, de cotejamento entre a tradução e o público-alvo, do exame cuidadoso do que deve ser descartado ou substituído no TC; enfim, das estratégias de tradução que serão tão mais eficazes quanto maior for o comprometimento desse profissional em organizar os objetivos e procedimentos de cada trabalho que realiza.

Com base nessas considerações prévias, devemos ainda ressaltar que o trabalho de reconhecimento e de busca consciente de soluções tem ressonâncias profundas no indivíduo e não se desenrola de maneira uniforme de tradutor para tradutor, mas depende, em última análise, segundo Azenha Júnior (1997, p. 147), “do grau de resistência de cada um em ceder

em suas noções pré-concebidas sobre linguagem e tradução”. A proposta de traduzir o TP selecionado para este trabalho, por constituir-se em um objeto que apresenta distintas variáveis, em vista da predominância do plano extralinguístico no estilo discursivo do seu autor (evidentemente por ser uma transposição didática e evocar uma vulgarização dos conteúdos técnicos), levou-nos a refletir acerca das previsões de Azenha Júnior no que tange às diferentes maneiras sobre “como traduzir”. Para contextualizar melhor essa questão, uma análise comparativa superficial (visto que ela não constitui o nosso foco) da versão em espanhol elaborada pelo CENIPA gerou a seguinte hipótese: será que a escolha tradutória em “privilegiar” o estilo discursivo do autor do TP, entendida aqui como tradução literal no sentido lato, pode comprometer a função comunicativa do TC e provocar problemas para a sua interpretação? Provavelmente muitos professores e teóricos da tradução responderiam categoricamente que não. Elementos da minha própria experiência acadêmica, a seguir brevemente relatados, serviriam para atestar que não (embora já se antecipe que não há resposta certa ou errada, e que uma solução definitiva dependerá de vários fatores). Pode-se ilustrar a questão através de uma experiência tradutória de quem escreve, que, recentemente e a partir de um encargo de livre escolha, teve que realizar a tradução para português de parte da obra “El túnel”, do escritor argentino Ernesto Sábato, como exigência para aprovação em uma das disciplinas da graduação do curso de Letras/Tradução Espanhol da UnB. Nesse devir tradutório, tive a oportunidade de embasar-me na “presença do estrangeiro na tradução” — sob a influência de Friedrich Schleiermacher —, e na “perspectiva ética do traduzir” — formulada por Antoine Berman —, por dois motivos: em primeiro lugar, evidentemente, por ser uma tradução literária e por acreditar que uma das distintas funções da tradução nesse âmbito reside em tornar conhecidos aspectos da cultura de um povo para além das fronteiras de seu país, em favor de um reconhecimento internacional; em segundo lugar, pelo respeito e admiração pessoal àquele que pode ser considerado um dos grandes talentos que a literatura latino-americana já teve. Sob essa ótica, o objetivo da tradução consistiu então em realmente manter, onde era possível, o estilo discursivo do autor da obra, sem mascarar suas origens com adaptações textuais que objetivassem manter o público-alvo em sua zona de conforto. Por outro lado, a respeito do texto **Gerenciamento do Risco Operacional** — embora sejam perceptíveis nele certas características que o aproximam da obra literária mencionada, sobretudo por apresentar aspectos culturais restritos ao contexto de sua produção, isto é, da cultura brasileira —, no que diz respeito à versão para o espanhol existe um encargo pré-definido que contribui para destacar a responsabilidade do tradutor e as possíveis

consequências de uma tradução ilegível quanto à sua interpretação pelo público-alvo. Para dar luz a essas questões, reiteramos que o TP foi elaborado originalmente para atender aprendizes brasileiros, no âmbito de diferentes cursos de formação organizados anualmente pelo CENIPA. Por conseguinte, a tradução desse material para a língua espanhola implica primeiramente ao tradutor questionar-se o seguinte: para quem e com qual propósito? Através de um exercício de pesquisa de campo realizada pelo autor, descobriu-se que a tradução para o espanhol da apostila “Gerenciamento do Risco Operacional” tem por objetivo instruir e elevar o grau de profissionalismo dos alunos estrangeiros — hispano-americanos de distintos países — participantes no curso de Segurança de Voo, a fim de torná-los aptos a atuarem como investigadores de voo nos seus respectivos países. Sendo assim, em relação às diferentes formas de traduzir, é desejável que a função comunicativa da tradução prevaleça sobre a escolha em buscar manter, em determinadas proporções, o estilo discursivo do autor do TP. As reflexões desenvolvidas até aqui não são desnecessárias, muito pelo contrário, pois sugerem um redimensionamento do perfil do tradutor técnico em consonância com a visão de demais estudiosos da tradução, que como Azenha Jr (1997, p. 147), afirma que:

a iniciativa de tal entendimento deve, a meu ver, partir do próprio tradutor. É ele que precisa convencer quem encomenda a tradução acerca da necessidade de se integrarem esforços, de se discutirem alternativas, de o processo de produção do texto técnico se caracterizar com um trabalho de equipe. É a ele que cabe elucidar clientes e consumidores de traduções técnicas sobre as múltiplas relações de interdependência entre as escolhas que se fazem no plano do texto e suas possíveis interpretações por parte da comunidade de leitores, já que o texto técnico, como qualquer outro tipo de texto, é um todo integrado numa realidade tecnológica culturalmente condicionada, que ele reflete e condiciona. É ele que deve abandonar a posição de quem se lamenta por não ser compreendido e partir para o contra-ataque. “Arrumar a casa” da tradução técnica, como na passagem de uma das ilustrações mencionadas no início para a outra, requer o exame cuidadoso do que deve ser descartado, do que precisa ser substituído.

Com efeito, conclui-se a partir dessa experiência que uma ampliação consciente dos limites de atuação do tradutor, para além da análise restrita ao campo gramatical e semântico, alinhavada apenas ao sentido e estilo discursivo do TP, evidentemente pode contribuir para uma tradução mais eficaz e adequada em relação aos níveis de aceitação na cultura-alvo. A propósito, o papel do tradutor em qualquer modalidade de textos é uma questão que suscita inúmeros debates entre profissionais, pesquisadores e estudiosos da tradução. No entanto, corroboramos a visão de que o tradutor é quem define,

a partir das características específicas das culturas envolvidas e das instruções da tarefa de tradução, uma estratégia de trabalho que, ao mesmo tempo, (1) preserve a

referência à instância que transfere o saber científico (...) e (2) possa ser eficaz na cultura para a qual o texto é transportado (AZENHA JÚNIOR, 1999, p. 12).

Essas breves considerações iniciais servem como pano de fundo para os comentários que se seguem na presente discussão, que tratam de aspectos relativos a uma reconstrução da história tradutória de “Gerenciamento de Risco Operacional”, em relação à realização e à recepção pelos usuários da primeira versão ao espanhol do texto, realizada, como já foi mencionado, por uma tradutora do CENIPA.

Reconstruindo, então, esse devir tradutório, em primeiro lugar importa esclarecer que, quando da primeira visita ao CENIPA, realizada em 22 de agosto de 2013 para fins de apresentação da empreitada que culminaria no presente Projeto Final, além, evidentemente, de solicitar a autorização para traduzir um texto técnico a ser selecionado em comum acordo com aquele centro, obtivemos o privilégio de receber um material didático elaborado pela própria instituição. Existia para ele uma única versão ao espanhol que havia sido recém elaborada por uma profissional do corpo docente da FAB com a finalidade de atender o primeiro curso de Prevenção de Acidentes Aeronáuticos em língua espanhola para estrangeiros, a realizar-se no CENIPA entre os dias 19 e 30 de agosto de 2013. Ou seja, além de conseguir o TP, sua tradução ao espanhol pela tradutora do CENIPA e de contar com a respectiva autorização verbal do Chefe da Divisão de Formação e Aperfeiçoamento (DFA) daquela organização militar, para vertê-lo ao espanhol, vislumbramos nessas duas semanas de duração do curso a oportunidade de entrar em contato com os estrangeiros participantes na instrução, a fim de partilharmos das suas percepções acerca do material didático recebido, ou seja, da versão em espanhol da apostila “Gerenciamento do Risco Operacional”, que lhes fora entregue para complementar as instruções do Curso de Segurança de Voo — Módulo: Prevenção de Acidentes Aeronáuticos.

Assim, para corroborar os objetivos do presente estudo, que tem por escopo a identificação e o tratamento dos marcadores culturais na cultura de partida com vistas a uma tradução adequada, este trabalho apoiou-se inicialmente na coleta de dados através da aplicação de questionários aos alunos, permitindo, dessa maneira, investigar sobre eventuais impressões acerca de aspectos diversos na versão produzida pelo CENIPA. As questões foram elaboradas evitando, no possível, induzir as respostas dos respondentes e formuladas com base apenas na leitura do TP. Como advertido anteriormente, optou-se pela leitura da versão produzida por aquele centro somente depois de concluída definitivamente a tradução apresentada neste trabalho, de modo a evitar qualquer interferência no processo tradutório.

Ao admitirem-se então as condições supracitadas e após a liberação da pesquisa para a respectiva coleta de dados, contamos com a colaboração espontânea de participantes hispano-americanos de distintas nacionalidades, em um grupo composto de quinze militares pertencentes às Forças Aéreas dos seguintes países: Argentina (2), Bolívia (3), Chile (3), Equador (2), Panamá (2), Paraguai (1) e Uruguai (2). O questionário¹², pela dinâmica e curta duração do curso, foi estruturado em torno de apenas seis questões, que permitem respostas mais rápidas, mas que resultaram suficientes para os propósitos neste trabalho. Além disso, objetivou-se elaborar um questionário híbrido, que consistiu na harmonização entre questões de caráter aberto e fechado. Nesse sentido, o resultado obtido foi um questionário estruturado inicialmente em cinco questões, cujas respostas do tipo “sim” ou “não”, podem vir acompanhadas de argumentos por parte do respondente, quando necessários. A sexta e última questão, da modalidade aberta, foi elaborada no sentido de deixar o interrogado à vontade para expressar comentários de ordem geral, quer fossem críticas, elogios e/ou sugestões acerca do “texto”. É importante mencionar que em nenhum momento do questionário fazemos referência à “tradução”. Os resultados foram julgados satisfatórios, mas, para foco deste trabalho, talvez a falta de tempo extra para a leitura do material didático tenha sido o principal empecilho para a obtenção de respostas mais contundentes. A partir desse diagnóstico, antes de dar início à análise dos dados, convém fazer uma breve lista, conforme abaixo, de algumas informações importantes obtidas previamente, durante entrevista ao organizador do curso que, inclusive, permitiu a participação mais discreta do pesquisador para observação da instrução em sala de aula:

- 1) A versão em espanhol da apostila “Gerenciamento do Risco Operacional”, impressa e entregue aos alunos na aula inaugural, apresenta um caráter apenas complementar, não possuindo vínculo com as atividades em sala de aula;
- 2) O recurso áudio-visual, através da projeção de *slides*, consistiu no principal meio de divulgação dos conteúdos programados para o curso. De acordo com informação do organizador do curso, os alunos foram orientados durante a aula inaugural a utilizarem a apostila para eventuais consultas após o retorno a seus países;
- 3) Sobre a versão original da apostila, elaborada pelo CENIPA, foi reportada a possibilidade de haver eventuais erros gramaticais ou ortográficos, em vista de uma revisão em andamento naquele órgão;
- 4) Acerca da versão em espanhol, distribuída entre os alunos, fomos notificados

¹² O questionário aplicado pode ser consultado no Anexo I deste trabalho.

de que a tradutora dispusera de pouco tempo para realizar a respectiva tradução e de que não tinha encontrado grandes dificuldades, havendo apenas consultado alguns dos especialistas do centro sobre alguns termos técnicos.

Com base nessas informações, optou-se pela aplicação do questionário no penúltimo dia de curso, visando ao melhor aproveitamento dos dados. A partir dessa providência, foi possível avaliar melhor as questões de pesquisa, além de vislumbrar uma probabilidade maior de que os participantes houvessem tido contato com a apostila. Assim, os questionários foram aplicados pelo organizador do curso, com a mediação do investigador apenas para fins de apresentação a ele do instrumento de pesquisa, ressaltando ainda a importância da consistência nas respostas para os propósitos acadêmicos. No dia seguinte, por ocasião do ato de encerramento do curso, procedeu-se ao recolhimento dos questionários devidamente preenchidos.

A observação dos dados qualitativos mais relevantes dos quinze questionários analisados demonstrou que:

a) À exceção de um dos pesquisados neste estudo, todos os demais admitiram possuir alguma bagagem na área de segurança de voo. Essa informação, somada ao fato de o texto ser uma transposição didática, pode ter relação com a negativa dos participantes em assumir ter encontrado qualquer obstáculo em relação à terminologia específica;

b) Verificou-se que três participantes opinaram acerca de alguma dificuldade de ordem cultural. Se, por um lado, não houve uma contextualização mais direta nas justificativas — já que nenhum deles se reportou a qualquer segmento textual (palavra, sintagma ou oração) em concreto —, por outro, em dois casos foi mencionado que as dificuldades foram esclarecidas pelos instrutores;

c) Acerca do uso de siglas ou abreviaturas no texto, apenas dois dos quinze pesquisados admitiram algum grau de dificuldade, opinando que as dúvidas puderam ser esclarecidas através da mediação dos instrutores. Não obstante, chamou-nos a atenção o fato de um deles ter mencionado haver encontrado abreviaturas em português. Essa observação fará parte dos comentários que se seguem após esta etapa da discussão, na parte final deste capítulo;

d) Por último, um dos entrevistados, durante a questão discursiva do tipo “aberta”, opinou não saber a que texto o pesquisador se referia. Com efeito, existe a possibilidade de esse participante não haver entrado em contato com o referido material didático, pois as instruções recebidas em sala de aula não exigiam seu uso;

e) As demais informações prestadas vinculam-se a comentários acerca de falhas de tradução, palavras não traduzidas ou erros gramaticais e ortográficos menores, conforme a transcrição do seguinte comentário:

[e]xistiam algumas palavras mal traduzidas, porém compreensíveis. Oportunamente, através de mensagem eletrônica, o CENIPA poderia estar enviando as respectivas exposições aos oficiais participantes neste primeiro curso de formação, para fins de auxílio na tradução adequada de algumas palavras.¹³

Conforme o exposto, essas foram as respostas mais significativas dadas pelos participantes estrangeiros que responderam o questionário utilizado neste estudo. A análise dos dados coletados, apesar de refletir um percentual muito pequeno no tocante à expectativa de eventuais obstáculos quanto à compreensão de marcadores culturais específicos do polo emissor, isto é, da cultura brasileira, serviu para vislumbrar outros aspectos não menos importantes. Foi possível constatar, por exemplo, a partir de alguns comentários registrados na questão da modalidade “aberta” (questão n° 6), que eventuais problemas acerca da compreensão dos aspectos mencionados nas questões anteriores (terminologia, cultura, léxico, abreviaturas, etc.) puderam ser solucionados através da mediação dos instrutores, no contexto de sala de aula, em consonância com o que entendemos sobre transposição didática, conforme a colaboração das autoras Polidoro e Stigar (2006, p. 153):

[a] transposição didática é um instrumento pelo qual analisamos o movimento do saber sábio (aquele que os cientistas descobrem) para o saber ensinar (aquele que está nos livros didáticos) e, por este, ao saber ensinado (aquele que realmente acontece em sala de aula).

A transposição didática, tal como abordado no capítulo anterior, é um tema de destaque na área de Pedagogia, porém talvez pouco explorado nos Estudos da Tradução. Os diversos planos em que os textos técnicos e seus problemas de tradução se manifestam revelam também a necessidade de se considerar a interface com outras áreas de conhecimento. Assim, para produzir uma tradução compatível com a proposta apresentada, avaliamos que o enlace com outras disciplinas também é importante para o teórico da tradução.

Retomando a análise dos dados, diante da necessidade de uma comunicação eficaz entre diferentes culturas, concluímos, através da experiência com esse instrumento de pesquisa, que eventuais falhas e/ou dificuldades de tradução nos textos didáticos podem ser minimizadas

¹³ existieron algunas palabras mal traducidas pero entendibles. Tal vez a través de los correos electrónicos CENIPA pueda mandar las exposiciones y los oficiales cursantes que terminaron este primer curso hacer las correcciones adecuadas en cuanto a traducción de palabras.

com a intervenção do corpo docente, de forma que o público-alvo não fique alheio a problemas de tradução, sobretudo no nível do plano extralinguístico. No contexto desta pesquisa, o fato de os instrutores serem profissionais experientes da área de segurança de voo, além de terem recebido a formação básica em língua espanhola, parece ter colaborado para que os participantes no curso não opinassem acerca de maiores dificuldades com a tradução.

Na segunda etapa da coleta de dados, com o auxílio de um segundo questionário¹⁴, objetivou-se traçar o perfil básico da tradutora, verificando inicialmente sua formação acadêmica, para melhor entender suas crenças e seu método de trabalho. Vale lembrar que o propósito desse estudo não é encontrar erros de tradução para criticar o trabalho acima referido. Acerca do exercício de pesquisa, quando se optou por aplicar um questionário à profissional, decidiu-se elaborar apenas questões da modalidade aberta, de maneira que a respondente pudesse relatar com a maior naturalidade possível a sua experiência com a tradução encomendada pelo CENIPA, minimizando a influência do pesquisador. Basicamente as perguntas estiveram direcionadas para os seguintes aspectos: i) observar como ela constrói o pensamento em torno do fazer tradutório; ii) de forma implícita, saber se o menor grau de especialização do TP (subtendendo-se o fenômeno da transposição didática), que agrega aspectos de ordem cultural e/ou ideológica (ou marcadores culturais), dificultou a atividade de tradução; e iii) que estratégias e/ou procedimentos técnicos foram adotados para a solução das dificuldades evidenciadas durante o ato tradutório. Por fim, diante da demonstração de boa vontade da tradutora, que se colocou à disposição para ajudar no que fosse necessário, vislumbramos a possibilidade de ampliar as informações obtidas no questionário, a partir de consultas realizadas através da troca de mensagens por correio eletrônico.

A compilação dos dados mais relevantes obtidos com o questionário, além da observação das informações complementares trocadas por correio eletrônico, demonstrou de forma sucinta que:

a) A tradutora possui graduação em Letras Português/Espanhol por uma instituição pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro, e pós-graduação em nível de especialização em Práticas Docentes em Língua Espanhola por uma instituição particular da mesma região. Adquiriu experiência como tradutora realizando traduções jurídicas encomendadas por Tribunais Judiciários Federais;

b) Acerca da tradução técnica encomendada pelo CENIPA, afirmou-se que os prazos eram muito curtos, pois, além da apostila “Gerenciamento do Risco Operacional”, foi

¹⁴ O questionário aplicado pode ser consultado no Anexo II deste trabalho.

necessário traduzir outras apostilas (somando-se mais de dez), as quais compreendiam conteúdos inerentes a diversos ramos da macro-área da aviação;

c) No que diz respeito a eventuais obstáculos e/ou problemas de tradução no plano linguístico e extralinguístico, a tradutora mencionou discretamente haver encontrado dificuldades menores apenas em função da especificidade técnica do texto, mas que não chegaram a constituir obstáculos à tradução. Em contrapartida, registrou-se que uma de suas maiores preocupações consistiu em prover uma tradução bem construída gramaticalmente;

d) Acerca dos recursos utilizados para auxílio à tradução, apresentaram-se os seguintes meios: dicionários virtuais “convencionais” (monolíngues e bilíngues); consulta a profissionais da área; verificação da frequência de termos na língua para a qual se traduz; e consulta a estrangeiros que possuem o espanhol como língua materna;

e) Por último, das demais informações prestadas, uma em particular despertou-nos o interesse para as reflexões em torno da análise dos resultados: a tradutora, de forma espontânea e por duas vezes, menciona que a sua tradução desde o início esteve pautada pela vontade de não alterar o estilo discursivo do autor. Esse ponto de vista, diga-se de passagem, levou-nos a entrar em contato novamente com a tradutora, a fim de saber o que precisamente ela quis dizer com “estilo discursivo do autor”, para melhor chegarmos às nossas conclusões na presente fase da discussão.

A partir dessas observações, e quanto ao tema principal do nosso trabalho — os marcadores culturais nos textos técnicos e suas implicações para o tradutor —, constatou-se que em nenhum momento constituíram parte dos comentários da tradutora. Importa destacar, porém, que as perguntas se estruturaram de forma que esse objetivo não se fizesse tão aparente, a fim de tentar evitar a interferência do pesquisador. Para tanto, as questões implicitamente direcionadas ao tratamento tradutório sobre conteúdos culturais nos textos técnicos com menor grau de especialização alternaram-se, por exemplo, com perguntas sobre eventuais dificuldades com a terminologia específica, o uso de abreviaturas, etc. Em resumo, tínhamos a intenção de verificar, na visão da tradutora, de que forma a transposição didática de elementos de ordem cultural e/ou ideológica poderia dificultar o processo de tradução e quais os tratamentos seriam mais adequados para obter uma tradução mais condizente com o público-alvo. Embora não se obtivesse uma resposta para tal, por outro lado, a partir da análise organizada do conjunto da obra, isto é, das informações prestadas no questionário como um todo, foi possível chegar a algumas conclusões bastante interessantes. A tradutora menciona que a sua maior preocupação durante o ato tradutório consistiu em não alterar o

estilo discursivo do autor do texto (embora acreditasse que por vezes pudesse melhorá-lo) pela seguinte razão:

acredito que todo discurso é produzido carregado de informações que dizem muito sobre o autor, sobre o contexto que ele vive, suas experiências... todas essas circunstâncias refletem em seu texto. Um texto é muito além do que ele apresenta. Sou adepta à Análise do Discurso de Maingueneau... e me preocupei em não mudar o sentido do texto, porque qualquer alteração que eu quisesse fazer crendo que poderia melhorá-lo, poderia comprometer a originalidade do texto [...].

Embora do ponto de vista dos Estudos da Tradução evidentemente haja algumas ressalvas nas concepções que denota a transcrição acima, os pressupostos a partir dos quais a tradutora constrói uma visão do que seja a atividade tradutória refletem adequadamente o processo de ensino/aprendizagem pelo qual passou em sua formação acadêmica (Letras Português/Espanhol). Aliás, essa é uma questão que suscita inúmeras discussões na área de Letras das principais universidades brasileiras. Alguns professores e autores, como Almeida Filho (2003), sugerem uma ressignificação com urgência na grande área da Linguagem. Com efeito, a atual área de Letras no Brasil, por tender a uma predominância esmagadora de oferta de licenciaturas em línguas e suas literaturas correspondentes, que contribui para suprir a grande demanda por professores de línguas em nosso país, tradicionalmente não visa a um interesse maior quanto ao cruzamento curricular de disciplinas aplicadas que favorecem a reflexão em outros ramos da linguagem, como os Estudos da Tradução. Isso contribui fatalmente para que muitos formandos saiam das universidades com concepções ainda muito arraigadas ao senso comum, sobre diferentes aspectos da linguagem. No entanto, nosso objetivo neste trabalho não consiste em avaliar as controvérsias em torno do planejamento curricular dos cursos de Letras, o que não deixaria de ser um trabalho bastante interessante.

Retomando a análise dos dados, além das questões envolvendo a orientação acadêmica da tradutora, avaliamos que o fato de ela ter adquirido “experiência profissional” (e não acadêmica) como tradutora de textos jurídicos pode eventualmente ter relações com a sua visão sobre o que seja traduzir, que, diga-se de passagem, reflete uma tradução estilística e gramaticalmente equivalente ao TP. A tradução jurídica constitui uma atividade bastante complexa, a qual tende a apresentar uma linearidade com o texto TP em vista do conservadorismo tradicional de expressões já consagradas nessa área, que objetivam evitar confusões jurídicas com interpretações errôneas. Trata-se, afirma Asensio (2002, p. 11-12), da influência da tradução juramentada sobre aquela que aborda quaisquer textos do campo jurídico. Além disso, por apresentar mais polidez e formalidade gramatical do que outros tipos

de discursos, em vista do elevado grau de especialização dos conteúdos, o tradutor se vê compelido a evitar distanciar-se do estilo do texto no caso daqueles que versam sobre temas de ordem jurídica.

Com base nas evidências apresentadas, conclui-se que o questionário aplicado à tradutora não contrariou completamente as nossas expectativas, pois conseguiu cumprir outros objetivos também importantes. Os resultados permitiram vislumbrar as crenças da tradutora sobre o que seja traduzir, as quais coincidem essencialmente com as de muitos formandos na área de Letras, aproximando-se em muito do senso comum. Além disso, no que diz respeito ao foco deste trabalho, a análise das respostas permitiu inferir que a tradutora não identificou problemas no tratamento tradutório de aspectos culturais e/o ideológicos.

2.2.2. QUESTÕES CULTURAIS EM *GERENCIAMENTO DE RISCO OPERACIONAL* E SEU TRATAMENTO TRADUTÓRIO

Quando aplicamos os questionários aos participantes na pesquisa, tínhamos plena consciência de que teríamos que complementá-los com uma visão mais condizente sobre o fenômeno da tradução técnica para além dos pressupostos a partir dos quais costuma alicerçar-se o senso comum. A práxis tradutória requer do tradutor técnico bem-sucedido conhecimentos, habilidades e estratégias de diversas naturezas que, somados, conduzem a um exercício adequado da sua profissão. Embora algumas dessas competências possam ser adquiridas por meio da experiência prática e/ou profissional, acreditamos que todas elas podem ser desenvolvidas ou aperfeiçoadas a partir de uma reflexão mais sistemática, em ambiente acadêmico, à luz dos Estudos da Tradução. A propósito, sobre essa imagem de uma realidade do tradutor mais condizente com o conhecimento científico, Azenha Júnior (1997, p. 139), ao percorrer o caminho da prática para a teoria, observa:

O surgimento de um número cada vez maior de cursos de Tradução no Brasil e o avanço mundial experimentado pelos estudos em tradução desde meados da década de 80 fazem dos cursos de formação de tradutores um espaço privilegiado para a discussão teórica e prática de problemas relacionados à tradução técnica e para a conscientização dos profissionais acerca das variáveis que cercam seu trabalho, dos direitos e deveres que possuem e da importância de seu papel social.

As diferentes formas de traduzir, independente se devem privilegiar as condições de recepção do texto traduzido ou se estarão alinhavadas gramaticalmente ao estilo discursivo do autor, vão depender da análise sobre uma série de fatores. A experiência acadêmica nos

ensina que os parâmetros que nos levam a escolher a forma de traduzir um texto estão sujeitos, por exemplo, à sua função comunicativa, quem encomendou o texto, o público-alvo, etc. À guisa de exemplo, Asensio e Fouces (2011, p. 57), sobre as formas de se traduzir um texto, afirmam que

um contrato será traduzido de diferentes maneiras segundo (1) a tradução irá servir como um mero instrumento informativo, (2) irá ser utilizada como instrumento jurídico, (3) fará parte das provas de um processo, (4) irá servir como modelo para aplicação num país diferente de onde se originou, (5) constitua um elemento didático ou (6) sirva de prova ou exame. Um mesmo texto será abordado de forma diferente, tratando-se de um a tradução oficial.¹⁵

A tradução do texto selecionado para o presente trabalho exigiu cuidados e procedimentos complexos, por apresentar problemas que normalmente não são mencionados em relação à área especializada. “Os textos de instrução e de obras de vulgarização da ciência”, diz Azenha Júnior (1999, p. 81), ou a transposição didática de conteúdos de especialidade, para efeitos deste trabalho, costumam veicular exemplos e comparações restritas à experiência cotidiana do grupo de leitores visados. O exercício de pesquisa de campo demonstrou que o texto didático considerado foi originalmente elaborado pelo CENIPA com vistas a facilitar a instrução de “brasileiros” na área de segurança de voo; por conseguinte, a análise do objeto permitiu evidenciar algumas referências culturais restritas à vida cotidiana no Brasil, que não existem como tal em outras comunidades. Por outro lado, a versão para o espanhol encomendada por aquele centro, embora também destinada ao curso de segurança de voo, visou um público-alvo composto por hispano-americanos de distintos países. Com base nessas considerações, o processo tradutório neste trabalho pautou-se no esforço em produzir uma versão para o espanhol na qual o traslado de aspectos marcados culturalmente no contexto de partida não pudesse provocar, no público considerado, uma compreensão nula do TP. Com efeito, a tradução desses marcadores culturais constituiu um elemento de profunda complexidade, pois a análise se dá sobre termos e situações em contexto e não palavra por palavra. Tais procedimentos ainda se agravaram em razão de um público-alvo heterogêneo.

¹⁵ un contrato será traducido de formas diferentes según (1) la traducción vaya a servir como un mero instrumento informativo, (2) vaya a ser utilizada como instrumento jurídico, (3) forme parte de las pruebas de un proceso, (4) sirva como modelo para la aplicación en un país diferente a donde se originó, (5) constituya un elemento didático o (6) sirva de prueba o examen. Un mismo texto será abordado de modo diferente si se trata de una traducción oficial que si no lo es.

Na ótica de Aubert (2006, p. 29), o marcador cultural como decorrente da dimensão referencial das línguas, desdobra-se em pelo menos três aspectos diferentes (e, eventualmente, complementares): (i) a referencialidade intralinguística; (ii) a referencialidade intertextual; e (iii) a referencialidade extralinguística. A seguir, propomos um esquema-resumo pessoal no qual tentamos compilar todas as informações possíveis acerca da proposta de classificação dos marcadores culturais de Aubert (2006). Neste modelo, a identificação dos marcadores culturais, linguisticamente expressos em um texto, se organiza em torno de três dimensões distintas, dentre as quais selecionamos para este trabalho a dimensão referencial das línguas, por se decompor nas modalidades que se mostraram condizentes com o texto selecionado para este trabalho:

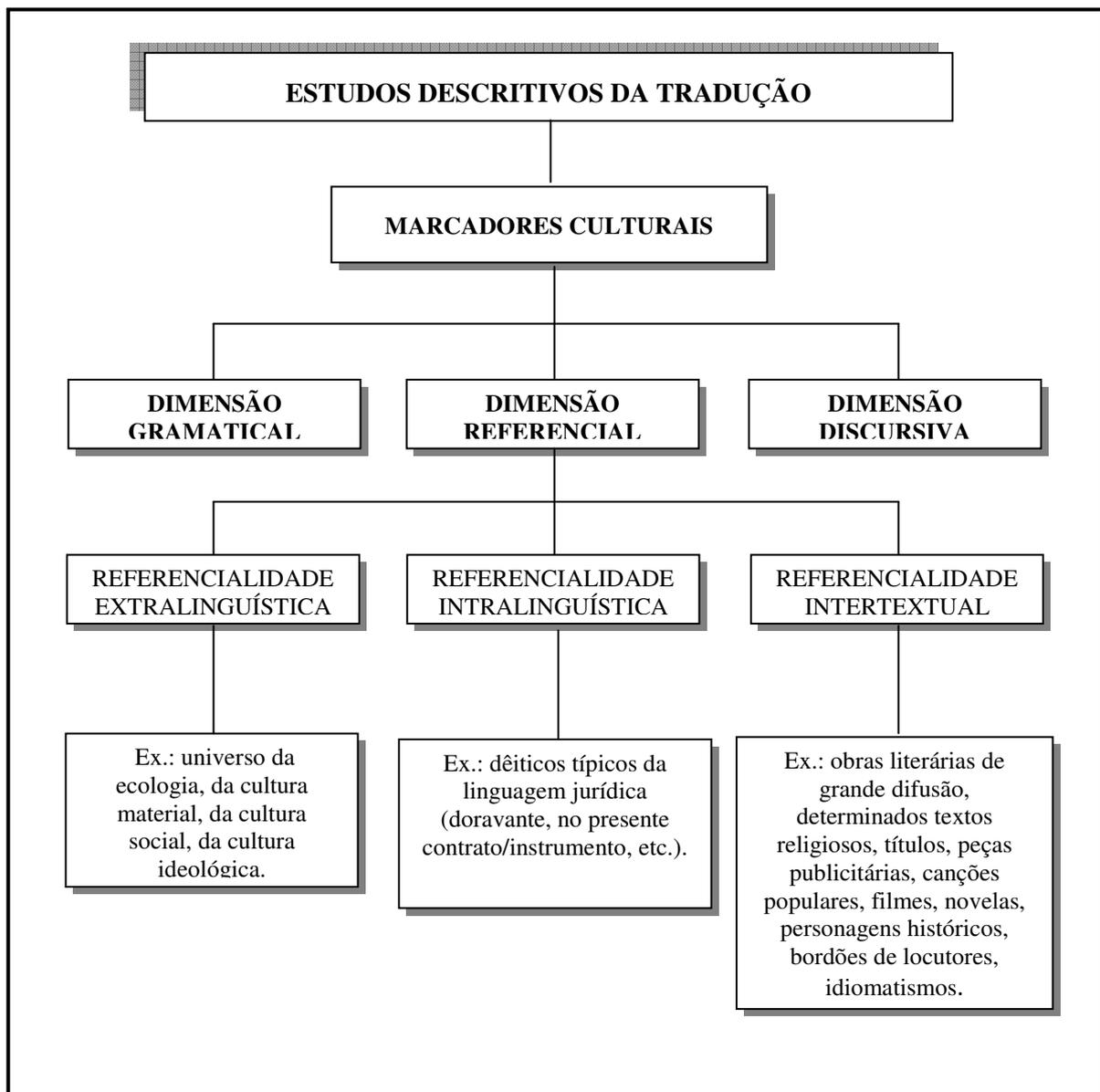


Tabela 1: Proposta do Modelo de Categorização dos Marcadores Culturais.

O referencial teórico-metodológico aqui adotado, semelhante ao que ocorre em outras áreas do conhecimento, não oferece uma solução única para o tratamento dos marcadores culturais na tradução. No entanto, a partir dos aspectos culturais aparentemente limitados ao plano léxico-gramatical (referencialidade intralinguística) e/ou ancorados no acervo dos dizeres, das falas e dos discursos (referencialidade intertextual), além do levantamento das categorias propostas por Aubert (2006) — combinadas com a visão de Nida (1945 apud AUBERT, 2006) —, as quais dizem respeito à referencialidade extralinguística das línguas, dentre aquelas restritas ao domínio ecológico, da cultura material, da cultura social e da cultura ideológica, buscou-se identificar “separadamente” supostos marcadores culturais linguisticamente expressos, cuja visualização a partir de exemplos reais de segmentos textuais retirados do TP nos ajudou a definir a apresentação dos resultados do tratamento tradutório. A propósito, os domínios da realidade extralinguística para os objetivos do presente trabalho foram definidos por Aubert (2003, p.60) como segue:

(a) domínio ecológico – termos que designam seres, objetos e eventos da natureza, em estado natural ou aproveitados pelo homem, desde que o conteúdo intrínseco do termo não implique que seja ser, objeto ou evento que tenha sofrido alterações pela ação voluntária do homem [...]; (b) domínio da cultura material – termos que designam objetos criados ou transformados pela mão do homem, ou atividades humanas [...]; (c) domínio da cultura social – termos que designam o próprio homem, suas classes, funções sociais e profissionais, origens, relações hierárquicas, bem como as atividades e eventos que estabelecem, mantêm ou transformam essas relações, inclusive atividade linguísticas [...] (d) domínio da cultura ideológica – termos que designam seres, objetos e eventos pertencentes a sistemas de crenças, inclusive sistemas mitológicos, as entidades espirituais tidas como fazendo parte desses sistemas, bem como as atividades e eventos gerados por tais entidades [...].

Com base nessas considerações, e tendo em vista a escassez de modelos que indiquem procedimentos que garantam a tradução mais adequada para as situações encontradas, para a análise dos marcadores culturais — retiradas do TP e dispostos na presente etapa final do capítulo —, as soluções apresentadas às principais dificuldades de tradução tiveram como respaldo teórico as categorias de estratégias de tradução, descritas por Barbosa (1990), e o modelo didático do processo tradutório de Alves (2000). Este modelo nos pareceu uma forma bastante condizente com a análise dos marcadores culturais, pois ressalta a necessidade de se tratar o ato de traduzir como uma tarefa complexa, de forma a contribuir efetivamente para um aumento significativo na qualidade da tradução.

A seguir, antes de finalmente passarmos à análise e ao tratamento tradutório de alguns exemplos de marcadores culturais selecionados no TP, apresentamos didaticamente um

quadro-resumo pessoal, onde buscamos agrupá-las em blocos, dentro das categorias propostas por Aubert (2006):

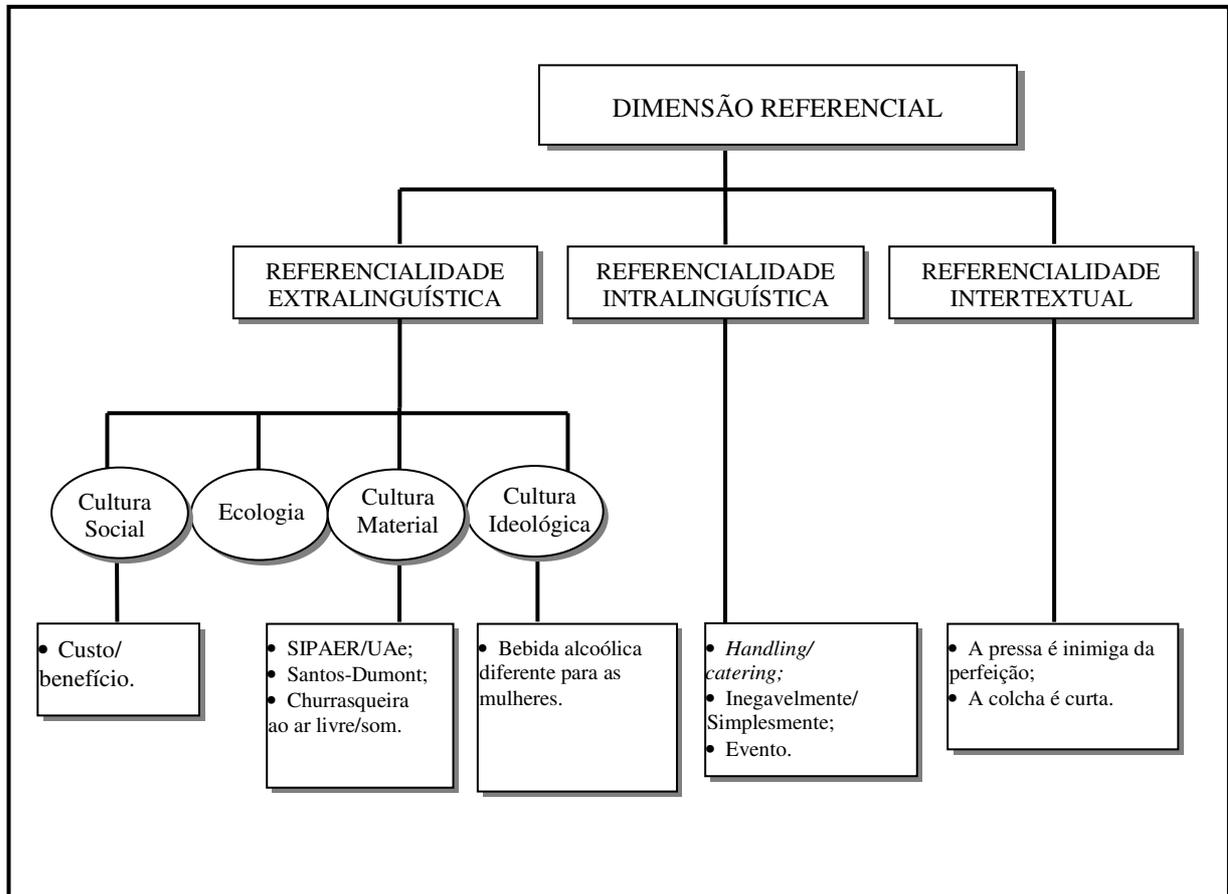


Tabela 2: Identificação e Classificação dos Marcadores Culturais comentados neste trabalho.

Por último, vale destacar que os procedimentos adotados pelo autor na tradução dos marcadores culturais identificados a seguir podem eventualmente ser complementados ou substituídos por outras opções de tradução.

➤ **Handling / catering**

Começamos, então, a análise de questões de ordem linguística que apresentam marcadores culturais pela reflexão acerca dos vocábulos *catering* e *handling*, conforme excertos retirados do TP, dispostos abaixo:

Contudo, pouco é investido na capacitação e acompanhamento do desempenho do pessoal que faz tarefas acessórias, como a operação dos diversos veículos e equipamentos de apoio (handling, catering). (BASTOS, 2011, p. 8).

Por exemplo, o período de solo em um aeroporto bem equipado, com pessoal de handling treinado e disponível, tenderá ser menor que o período de solo da mesma aeronave em um aeroporto menos preparado. (BASTOS, 2011, p. 11).

Nesses segmentos textuais, prevaleceram as estratégias de “explicação” e “transferência”. Verificada a necessidade de eliminar do TC os estrangeirismos (ou empréstimos, na visão de alguns autores) para facilitar a compreensão, a substituição do termo em inglês *handling* por sua explicação considerar-se-á adequada. Inversamente a esse procedimento, a “transferência” não requer a eliminação dos estrangeirismos no TC, já que consiste em introduzir material textual da LP no TC. Conforme a proposta de Barbosa (1990, p. 71), a transferência pode assumir distintas formas: i) estrangeirismo; ii) estrangeirismo transliterado (transliteração); iii) estrangeirismo aclimatado (aclimatação); e iv) estrangeirismo + uma explicação de seu significado, que pode ser: nota de rodapé ou diluição do texto. Dentre estas, a “aclimatação” (interpretado como “decalque” por muitos autores) consiste no processo através do qual os estrangeirismos se adaptam à língua que os toma. O termo *catering* revelou-se um exemplo de empréstimo do inglês aclimatado no espanhol, e segundo a definição no DRAE, designa “serviço de fornecimento de comidas e bebidas em aviões, trens, escolas, etc.”¹⁶

➤ **Inegavelmente / simplesmente**

À luz da “referencialidade intralinguística” que, para Aubert (2006, p.30), também representa um conjunto de marcadores culturais específicos, os quais se apóiam na estrutura léxico-gramatical, tomemos como exemplo o seguinte fragmento textual:

Inegavelmente, conquanto haja fatores de risco presentes, as empresas e as corporações militares não podem simplesmente “parar” suas atividades, sob pena de perecimento. (BASTOS, 2011, p. 4).

A “transposição”, segundo Barbosa (1990, p. 66), consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir, podendo ser obrigatória ou facultativa. No caso apresentado acima, esse procedimento é facultativo — visto que a tradução literal dos termos em destaque não constitui desrespeito à norma culta no código da LC. Pode, no entanto, ser realizada a transposição por razões de estilo, a fim de evitar o

¹⁶ Servicio de suministro de comidas y bebidas a aviones, trenes, colegios, etc.

excesso de advérbios com sufixo *—mente*, já que a flexão dos adjetivos no espanhol é bastante limitada.

➤ **Evento**

Partindo da premissa de que a observação de um texto ou segmento de linguagem verbal se faz sobre termos e frases atualizados em contexto, pois para Aubert (2006, p. 27) “o marcador cultural será visto menos como um fato de dicionário e mais como de discurso”, consideremos a análise dos trechos abaixo:

Missão A – Transportar o comandante do Esquadrão para uma reunião com os demais comandantes da aviação envolvida. O evento, que ocorre anualmente, é o ponto culminante de um trabalho que vinha sendo desenvolvido ao longo do ano e que tem se mostrado de muita valia para o aumento da capacidade operacional das UAe envolvidas. (BASTOS, 2011, p.25-26).

Risco é a medida da insegurança, que pode ser quantificada através da combinação da probabilidade de ocorrência de um evento indesejável, da exposição às condições nas quais o evento pode se manifestar e da severidade das perdas estimadas em função da ocorrência do evento. (BASTOS, 2011, p.5).

A transferência “isolada” do item lexical “evento” para o TC, tomando em consideração o primeiro segmento citado, não permite a sua total recuperação na LC, que, em grande parte dos países de língua espanhola, tem efetivamente o sentido genérico de “acontecimento”, “eventualidade”, etc. À luz desse procedimento — em conformidade com os conhecimentos apreendidos através das reflexões de Aubert —, na presente situação tradutória envolvendo o português brasileiro como LP e o espanhol como LC, não haveria marcador cultural perceptível, salvo um procedimento tradutório não literal para “evento” cujo equivalente na LC designe “reunião social” (cerimônia, comemoração, espetáculo, festa, solenidade, etc.). Em contrapartida, como se observa no segundo exemplo acima, não há problemas quanto à transferência da palavra “evento”, visto que na situação contextual apresentada, é possível recuperar o seu sentido na LC. Em face do exposto, conclui-se que a recuperação do duplo sentido teve de ser feita de maneira mais elaborada, visto que, através desse procedimento de análise, Aubert (2006, p. 29) afirma que “fica patente que a existência do marcador cultural somente se revela no confronto pela diferenciação” (ou contraste entre o TP e o TC).

➤ **SIPAER / UAe**

Na perspectiva cultural de Aubert (2006), considerem-se os seguintes excertos copiados do TP — expressões linguísticas de realidades institucionais específicas de organizações militares brasileiras:

Em 1999, o centro desenvolveu o MSGR – Método SIPAER de Gerenciamento do Risco, ferramenta de grande valia para o controle do risco operacional das Unidades Aéreas (BASTOS, 2011, p.5).

O evento, que ocorre anualmente, é o ponto culminante de um trabalho que vinha sendo desenvolvido ao longo do ano e que tem se mostrado de muita valia para o aumento da capacidade operacional das UAe envolvidas (BASTOS, 2011, p.25-26).

Os termos culturalmente marcados no segmento textual anterior não possuem, a princípio, equivalentes na LC, visto que se referem única e exclusivamente a instituições militares do governo brasileiro. A transferência desses elementos, sem demais explicações (nota do tradutor, diluição no texto ou recurso similar), tipifica um caso de estrangeirismo — se visto pela ótica do espaço de recepção do TC — que decerto pode não ser interpretado pelo público-alvo.

➤ **Santos-Dumont**

No plano referencial das línguas sob a ótica da “referencialidade extralinguística”¹⁷, diz Aubert (2006, p. 31), no que se refere à categoria “cultural material” — que engloba objetos e espaços criados pelo homem —, sobressai o método de “transferência com explicação”, se tomada a análise a partir do seguinte trecho:

[p]ois bem, em certa ocasião, o comandante estava para quebrar seu recorde (que já era baixo) e aproximou para o Santos-Dumont (SBRJ) acima da velocidade correta, levando a aeronave a ultrapassar os limites da pista e parar sobre as pedras localizadas junto ao mar. (BASTOS, 2011, p.10).

A condição necessária para o emprego da transferência na tradução é que o leitor possa apreender seu significado através do contexto. Para tanto, torna-se necessário complementar o elemento transferido ao TC com outras formas textuais, a fim de proporcionar ao público-alvo

¹⁷ Aquela que concerne tão somente aos termos, vocábulos e expressões em que o significado designa um referente não-linguístico – esta, como vimos, acompanhando o modelo proposto por Nida (op. cit.), reparte-se entre os domínios da ecologia, da cultura material, da cultura social e da cultura ideológica (ou, mais apropriadamente, ideológica) (AUBERT, 2006, p. 31).

a sua compreensão. Referindo-nos à análise do item lexical em destaque no fragmento anterior, o cotejo inicial entre o TP e o TC sugere transferir, com o elemento “Santos-Dumont”, gentílicos que visam à sua explicação no TC; por exemplo: “aeroporto internacional brasileiro”. Esse procedimento — embora no texto haja pistas que levam a interpretar “Santos Dumont” como de fato um aeroporto (referência ao indicativo de localidade do aeroporto, isto é, SBRJ; e a evidência de instruções para o pouso da aeronave) — é uma forma adequada de assegurar a compreensão de que se trata de uma infra-estrutura do espaço cultural do TP, evitando-se o risco de confusão com outras designações que reverenciam a personalidade Alberto Santos Dumont, patrono da FAB.

➤ **A pressa é inimiga da perfeição / a colcha é curta**

Outra ilustração bastante representativa da dimensão referencial das línguas — e que demonstra a complexidade da questão — pode ser observada no exemplo abaixo:

Escassez de tempo – Como no velho ditado, a pressa é inimiga da perfeição. Cada tarefa requer tempo e esforço mínimos para ser completada com eficácia. (BASTOS, 2011, p. 11).

Sob determinadas circunstâncias, uma medida pode aparentar ser correta, mas, considerados seus efeitos em outros setores, mostrar-se completamente inadequada. Muitas vezes a “colcha é curta” e a correção de uma deficiência pode representar o surgimento de outra mais grave. (BASTOS, 2011, p. 23)

A “dimensão intertextual” também representa um conjunto de marcadores culturais específicos e se localiza, segundo Aubert (2006, p. 30), “no acervo dos dizeres, das falas, dos discursos que, por qualquer motivo, incluem-se no repertório do grupo sociolingüístico relevante.” Repertórios específicos de determinada LP, tal como os idiomatismos, por seu efeito peculiar, podem gerar dificuldades específicas no processo tradutório. Na tradução para o espanhol do ditado popular brasileiro apresentado no primeiro caso acima, o que provavelmente na visão de Newmark (1988 apud BARBOSA, 1990, p. 68) consistiria em um caso clássico de “equivalência cultural”, sob a ótica de Barbosa (1990) representa apenas uma situação de “equivalência”¹⁸, como procedimento mais geral a ser aplicado à tradução. Esse recurso é normalmente aplicado a expressões idiomáticas, clichês, provérbios, ditos populares e outros elementos particulares da língua. Uma expressão equivalente na LC para a expressão

¹⁸ A equivalência consiste em substituir um segmento de texto da LO por outro segmento da LT que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente.

em questão consistiu no seguinte refrão: *la impaciencia es enemiga de la perfección*. O segundo exemplo configura-se como uma situação peculiar na LP, visto que a expressão utilizada pelo autor do TP é pouco conhecida até mesmo entre os falantes nativos brasileiros. Essa é uma tendência em países, cuja diversidade cultural é bastante ampla (em vista da dimensão geográfica, o tipo de colonização, etc.). Não obstante, em relação à tradução não houve grandes problemas, visto que foi possível adotar o procedimento chamado de “omissão”, evidentemente depois de verificado que não haveria prejuízo semântico no contexto em questão. A omissão, segundo Barbosa (1990, p. 68) consiste em eliminar elementos do TP que, do ponto de vista da LC, são desnecessários ou excessivamente repetitivos. A propósito, na tradução do espanhol para o português, este procedimento é usado, por exemplo, em relação aos artigos, visto que na língua vernácula (português do Brasil), sua presença seria considerada uma repetição excessiva.

➤ **Churrasqueira ao ar livre / som**

Retomando a categoria cultural material, classificada por Aubert (2006) no domínio do plano extralinguístico, identificamos outros exemplos de marcadores culturais no TP, conforme o trecho disposto a seguir:

No tocante ao local, um perigo possível seria ninguém ter verificado que a churrasqueira ao ar livre não protegeria da chuva (que sempre acaba caindo) ou que não haveria tomada para ligar o som. (BASTOS, 2011, p. 20).

O mesmo recurso utilizado no exemplo anterior pôde ser aplicado no tratamento dos marcadores culturais destacados acima. No que tange à equivalência atribuída à expressão “churrasqueira ao ar livre”, por exemplo, através do vocábulo “*barbacoa*”, que de acordo com a primeira acepção do DRAE designa “utensílio utilizado para assar ao ar livre carne ou pescado”¹⁹, permitiu recuperar plenamente o sentido na LC.

➤ **Churrasco / maionese para acompanhamento**

Acrescentamos às categorias de Aubert (2006) — dentre aquelas que ele denomina referencialidade extralinguística —, outra marca cultural, originada a partir da análise do texto

¹⁹ 1. f. Parrilla usada para asar al aire libre carne o pescado.

selecionado para este trabalho, visto que vislumbramos a necessidade de uma categoria que se reportasse ao “universo cultural da culinária”, em razão da evidência no TP de hábitos alimentares específicos da população brasileira, conforme se observa no exemplo abaixo:

Por exemplo, na organização de um churrasco, dentre outros, haveria os seguintes blocos: comida, bebida e local. [...] No bloco comida, perigos imagináveis são todos trazerem apenas frango ou todos trazerem maionese para acompanhamento. Na chamada terra de ninguém acabam ficando perigos como ninguém trazer espetos, carvão, sal grosso, copos descartáveis, etc. [...]. Com relação à operação “churrasco” em sua totalidade, poderia ser um perigo alguns deixarem “para depois” o pagamento de sua parcela do custo. (BASTOS, 2011, p. 16).

É interessante observar que, apesar do termo “churrasco” compor o léxico da LC, este se distingue basicamente pelo modo de preparo, já que se refere ao prato feito à base de carne assada “na chapa ou sobre brasas obtidas da queima de lenha”, enquanto que na LP constitui carne assada no espeto ou na grelha, exclusivamente sobre brasas de carvão. Com base nessas observações, a explicação, com informações diluídas no próprio texto, configura-se uma estratégia adequada para a compreensão imediata da situação na LP.

➤ **Custo-benefício**

O domínio da “cultura social”, categorizada por Aubert à luz do plano extralinguístico, também representa um conjunto de marcadores culturais e que designam as diferentes relações interpessoais, bem como as atividades e eventos que estabelecem:

As medidas de controle do risco podem ser divididas em duas grandes categorias: as de caráter absoluto, que eliminam o perigo, extinguindo o risco, e as de caráter relativo, que reduzem o perigo, tornando a relação custo-benefício vantajosa. (BASTOS, 2011, p. 20).

Popularmente, no contexto da LP, costuma-se dizer que “o barato saiu caro” quando monetariamente se paga menos por algo, mas descobre-se mais tarde que o investimento não valeu à pena. Ou seja, o custo foi baixo, mas as necessidades não foram plenamente atendidas, tornando a relação custo-benefício desvantajosa. Essa expressão é útil, por exemplo, para guiar decisões de políticas de saúde. Não obstante, a respeito da sua transferência para a LC, optou-se pela “adaptação”, em vista da dificuldade em encontrar uma expressão tão específica que fosse universal para todos, isto é, para o público-alvo considerado. Para Barbosa (1990,

p.76), a adaptação é o limite extremo da tradução, devendo ser aplicada em casos onde a situação expressa no TP não existe na realidade extralinguística dos falantes da LC.

Na primeira sessão do presente capítulo, vimos que a transposição didática pode ser concebida como um processo de reescritura criativa de um TP, seja ele especializado ou não. Ocorre que todo processo de reescritura, qualquer que seja sua intenção, tende a refletir certa “ideologia”, que comporta um conjunto de suposições implícitas, valores e crenças compartilhados no interior de um grupo social, ao mesmo tempo em que manipula a língua para que a informação seja acessada por um maior número possível de leitores. No âmbito da tradução, a identificação e tratamento tradutório dos marcadores culturais envolvendo aspectos ideológicos — ou de caráter “cultural ideológico” segundo as categorizações de Aubert (2006) no plano extralinguístico —, constituem sérios obstáculos para o tradutor, sobretudo quando tais aspectos no TP refletem mais bem as visões de mundo do seu autor do que da sociedade propriamente dita:

No bloco comida, perigos imagináveis são todos trazerem apenas frango ou todos trazerem maionese para acompanhamento. Por sua vez, no bloco bebida, perigos imagináveis seriam haver somente cerveja e nenhuma bebida alcoólica diferente para as mulheres; não haver gelo para as bebidas; etc. (BASTOS, 2011, p.16).

A mera transferência do conteúdo expresso no exemplo acima, tendo em vista um público-receptor heterogêneo e culturalmente diferente, não chega a provocar a distorção da função comunicativa, mas pode eventualmente contribuir para vislumbrar situações de desconforto e mal-estar no público-alvo considerado. Nesse caso, uma solução consiste em reproduzir outro exemplo, mas sob um ponto de vista diverso do TP, ou simplesmente omitir o trecho em destaque, tendo em vista que se trata de uma enumeração de orações hipotéticas.

Por fim, em vista das reflexões e escolhas tecidas ao longo desta seção final do presente capítulo, conclui-se que os marcadores culturais não são perceptíveis na expressão linguística tomada em isolamento, nem se encontram confinados dentro do seu universo discursivo original, senão dependem, fundamentalmente, da situação de diferenciação (cotejo ou contraste). Para Aubert (2006, p. 32), “o marcador cultural somente se torna visível (e, portanto, se atualiza) se esse discurso original (a) incorporar em si uma diferenciação ou (b) for colocado em uma situação que faça sobressair a diferenciação.” Definitivamente, a identificação dos marcadores culturais vincula-se à situação discursiva, já que para Aubert (2006, p. 33) “não é um fenômeno da língua (langue), e sim da fala (parole), não de qualquer

situação de fala, mas apenas daquelas que compreendem um elemento de diferenciação/contraste.”

3. RELATÓRIO

O processo de identificação de marcadores culturais efetuado na etapa final do capítulo anterior demonstrou que, a partir da proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução descritos por Barbosa (1990), foi possível aplicar um tratamento tradutório adequado a um conjunto complexo de segmentos textuais de natureza cultural e/ou ideológica, compilados no texto selecionado para este trabalho. Por conseguinte, concluímos que não havia a necessidade de incluir na presente fase do trabalho novos comentários acerca das dificuldades tradutórias em torno dos marcadores culturais. Em contrapartida, a revisão inicial da bibliografia, a partir das considerações de Cabré (2003), mostrou que as necessidades terminológicas da tradução também constituem uma boa amostra da diversidade de dados que a atividade tradutória requer para produzir um texto equivalente quanto ao conteúdo, mas correto e adequado quanto à expressão. Para tanto, este relatório pautou-se em apresentar o tratamento tradutório aplicado a termos e expressões normalmente relacionados com a área de aviação que representaram certo grau de dificuldade.

A partir dessas observações, em primeiro lugar importa esclarecer que, apesar das dificuldades encontradas em torno da tradução dos termos dispostos a seguir, essas não chegaram a constituir obstáculo ao ato tradutório. Além da modesta experiência profissional do autor, outras estratégias importantes subsidiaram a solução dos problemas de tradução identificados durante a práxis tradutória; a saber: a colaboração de profissionais da área (basicamente os militares que servem no CENIPA); consulta a falantes nativos (um adido aeronáutico no Brasil, piloto de aviação em uma das forças aéreas que integram o público-alvo considerado); pesquisa de *corpora* (ou contraste com outros textos da área) elaborados originalmente em espanhol; verificação da frequência de alguns termos no contexto da LC, etc.

A seguir propomos um critério pessoal de análise, constituído por tabelas que permitem a visualização imediata do termo em seu contexto no TP e da respectiva proposta de tradução. A metodologia adotada comprovou uma prática coerente com os pressupostos de Cabré (2003), visto que concordamos com que os termos devem ser observados em seu ambiente natural de ocorrência, ou seja, nos discursos especializados, não resultando suficiente, durante o ato tradutório, recorrer apenas aos conceitos nos dicionários. Por último, os comentários tendem inicialmente a apontar a definição dos termos ou expressões em análise, reconhecendo

em seguida algum grau de dificuldade apresentada, bem como destacar as principais estratégias utilizadas e/ou desenvolvidas²¹ pelo autor para atender aos propósitos do TC.

❖ **Caminhão pantográfico / caçamba**

Texto de Partida	Texto de Chegada
O operador de um <u>caminhão pantográfico</u> cochilou enquanto a <u>caçamba</u> subia e não a parou no momento exato, causando o choque contra a porta da aeronave. <i>(Item 3.3)</i>	El operador de un <u>camión de catering</u> dormitó mientras la <u>carrocería</u> subía y no se detuvo en el momento oportuno, provocando el choque contra la puerta del avión. <i>(Item 3.3)</i>

Comentário:

O item lexical “caminhão pantográfico”, do ponto de vista do senso comum na LP, é pouco conhecido e por vezes confundido com caminhões caçamba, conforme mostrou a pesquisa em fóruns de dúvidas na Internet. Esse tipo de caminhão, utilizado largamente em sistemas aeroportuários de qualquer país, conta com um sistema pantográfico (plataforma elevatória), montado na parte traseira do veículo (chassi), responsável por elevar um baú (serviço de catering) até a porta da aeronave. Com base nas evidências, constatou-se o uso inadequado do termo “caçamba” no TP, que poderia induzir o tradutor ao erro. Quanto à tradução, não foi encontrado na LC um equivalente específico para o sistema de funcionamento “pantográfico”, visto que o uso mais recorrente refere-se ao tipo de serviço prestado, isto é, “catering”. A respeito da plataforma elevadora traseira (e não caçamba), optamos pelo equivalente “*carrocería*”.

❖ **Fonte de força (APU) / GPU**

Texto de Partida	Texto de Chegada
No meio militar, da mesma forma, uma aeronave de combate foi danificada devido à colisão de uma <u>fonte de força (APU)</u> e deixou de cumprir uma missão de	Asimismo, en el ámbito militar, un choque contra un <u>APU (Auxiliary Power Unit)</u> , o <u>unidad auxiliar de energía</u> , provocó averías en un avión de combate, que en consecuencia

²¹ A respeito das estratégias desenvolvidas pelo autor, vale destacar a utilização de um glossário bilíngue próprio, no par linguístico espanhol→português, criado para atender as necessidades tradutórias em vários eventos realizados no âmbito do SICOFAA, do qual a FAB é signatária.

<p>treinamento. [...] aumentou a velocidade e não conseguiu manobrar o trator no pouco espaço disponível, propiciando o toque da <u>GPU</u> na aeronave. (Item 3.3)</p>	<p>dejó de cumplir una misión de entrenamiento. [...] aceleró el tractor en gran medida y no pudo maniobrar a tiempo de evitar que el <u>GPU</u> (<i>Ground Power Unit</i>), o generador de tierra, chocara contra el avión. (Item 3.3)</p>
---	---

Comentário:

Uma APU (*Auxiliary Power Unit*) é um sistema próprio localizado no cone de cauda da aeronave, cuja função consiste em prover energia elétrica para os sistemas do avião enquanto está em solo. Por outro lado, a GPU (*Ground Power Unit*) ou UFT (Unidade de Força Terrestre) em português consiste em um gerador externo que se conecta ao avião também para prover energia, por falta de uma APU ou para poupá-la. A experiência do autor na área de aviação permitiu concluir que muito do vocabulário aeronáutico utilizado em inglês não apresenta correspondentes em outras línguas, pois a terminologia aeronáutica é extremamente específica e restrita. A propósito, o inglês é o idioma reconhecido como a língua oficial da aviação, conforme determina a OACI, organismo das Nações Unidas responsável por ditar regras e recomendações para a aviação civil mundial. As siglas APU e GPU, identificadas no TP e dispostas no excerto acima, constituem exemplos reais desse estrangeirismo típico de publicações técnicas traduzidas do inglês. Embora o público-alvo considerado esteja formado por militares experientes na área de aviação, a estratégia tradutória consistiu na transferência com explicação diluída no próprio texto, evitando-se assim o emprego de nota de rodapé. São raros os casos de haver equivalentes de siglas aeronáuticas, sendo o empréstimo do inglês uma tendência.

❖ **Cartão de VI:**

Texto de Partida	Texto de Chegada
<p>Estar com o <u>cartão de VI</u> em dia é condição necessária para prosseguir para a instrução no simulador de voo [...]. (Item 6.1)</p>	<p>Estar com la <u>habilitación de vuelo por instrumentos</u> al día es condición necesaria para proceder a la instrucción en el simulador de vuelo [...]. (Item 6.1)</p>

Comentário: O obstáculo maior em relação ao termo em destaque consistiu inicialmente em verificar na própria LP a designação para a sigla “VI”. O resgate do contexto não resultou suficiente para a solução definitiva, visto que no TP vislumbramos duas possibilidades de descrição para o termo, com grifos nossos: (i) inicialmente, na introdução do texto disposto acima, informa-se que antes de prosseguir para o simulador o piloto deverá realizar o cheque de voo por instrumento; (ii) posteriormente, diz-se que no simulador de voo seriam treinadas manobras, as quais não podem ocorrer no voo de instrução. Em vista do impasse, uma pesquisa mais detalhada em textos paralelos, encontrados na Biblioteca Digital da ANAC²², permitiu-nos identificar a expressão “Cartão de Voo por Instrumentos”. Quanto ao equivalente na LC, verificaram-se algumas possibilidades bastante similares, dentre as quais escolhemos *habilitación de vuelo por instrumentos*, por ser mais recorrente nos países que compõem o público-alvo considerado.

❖ **Toques e arremetidas:**

Texto de Partida	Texto de Chegada
Dentre os itens da ordem de instrução (OI), consta a realização de seis <u>toques e arremetidas</u> . (Item 6.1)	Entre los puntos de la OI, consta la realización de seis <u>tomas y despegues</u> . (Item 6.1)

Comentário:

Por “toque e arremetida” entende-se o procedimento pelo qual o piloto de uma aeronave, a ponto de efetuar o pouso, retoma o voo após “tocar” (ou não) a pista de pouso e decolagem. Esse procedimento é adotado no caso de eventuais falhas (humana ou técnica) durante a aproximação final para pouso, ou quando o piloto não possui uma referência visual da pista (aeronaves mais antigas). No inglês, o termo específico para esse tipo de manobra remete para a expressão *go-around*. Portanto, a nossa preocupação pautou-se em encontrar, na tradução para o espanhol, uma expressão também específica que não resultasse apenas na sua literalidade. A partir do auxílio a falantes nativos, com experiência na área de aviação,

²² A Biblioteca Digital da ANAC, sob coordenação da Gerência Técnica de Capacitação da Superintendência de Gestão de Pessoas, é um espaço democrático, construído de forma integrada pelos diversos Núcleos de Informação distribuídos pelas unidades da agência reguladora. <<http://www2.anac.gov.br/biblioteca/biblioteca2.asp>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

descobriu-se a expressão “toma y despegue”, que, com efeito, foi adequada para os propósitos da tradução.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a tradução de textos técnicos e científicos pode ser entendida como uma atividade que envolve competências muito vastas e que constitui, simultaneamente, um ato de criação e uma expressão de cultura, o objetivo principal deste projeto final consistiu em identificar e dar tratamento tradutório aos marcadores culturais, evidentemente recorrentes em conteúdos especializados, no âmbito de uma transposição didática. Para tanto, as reflexões teóricas, bem como os procedimentos técnicos adotados, tiveram um respaldo teórico-metodológico a partir da ótica de importantes estudiosos da tradução como Azenha Júnior (1997, 1999, 2010, 2013), Aubert (2003, 2006) e Barbosa (1990), além da contribuição de outras áreas do conhecimento, com destaque para a Terminologia e a Pedagogia.

O presente estudo surgiu inicialmente em consequência da realidade profissional do autor, que trabalha na área sob investigação. Posteriormente, em razão do grau de especificidade de reflexão exigida durante a práxis tradutória, para além do simples domínio dos idiomas e terminologia envolvidos, bem como a descoberta de uma escassez de modelos teóricos que indiquem procedimentos que orientam a problemática em questão, ampliaram consideravelmente o interesse pela investigação.

Para responder aos objetivos específicos estabelecidos inicialmente, este trabalho esteve dividido em cinco fases: uma introdução; uma discussão teórica articulada em duas sessões, o relatório de dificuldades tradutórias, a disposição do texto traduzido e estas considerações finais. Os passos seguidos e as soluções apresentadas são brevemente resumidos a seguir.

A introdução apresentou o TP e sua origem, os objetivos que fundamentaram o estudo e a metodologia adotada na elaboração do presente trabalho. Na fase subsequente, deu-se início à discussão, a qual se subdividiu em duas seções: uma primeira, de caráter mais teórico, voltada para o levantamento de um aporte teórico-metodológico que tratasse a questão envolvendo a transferência de aspectos de ordem cultural na tradução; e, uma segunda, de teor mais prático, dedicada à análise das respostas dos questionários, bem como ao tratamento tradutório do TP dado pelo autor, na direção do objeto deste trabalho. De forma mais elaborada, a primeira seção teve como meta apresentar um arcabouço teórico acerca da tradução de textos técnicos, relacionado com as condições de recepção na LC, com foco na transferência dos aspectos culturais e/ou ideológicos presente na LP. Para tanto, em um primeiro momento da revisão da bibliografia, buscou-se explorar um dos vários pontos de

intersecção entre tradução e terminologia, a fim de responder a seguinte questão proposta na introdução deste trabalho: as unidades terminológicas (ou termos) pertencem ao léxico comum ou constituem uma categoria aparte? A partir dos pressupostos prévios da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), capitaneados por Cabré (2003), compreendemos que *a priori* não há nenhuma diferença entre termo e palavra; o que há são signos linguísticos que podem realizar-se no discurso como termo ou palavra, em função da situação comunicativa. Em seguida, buscou-se destacar que a tradução dos textos técnicos, assim como qualquer modalidade de texto, exige do tradutor, habilidades que vão além do mero conhecimento dos sistemas gramaticais na língua para a qual se traduz, enfatizando que esse profissional deve ter em mente que a língua é parte integrante da cultura e, portanto, os textos técnicos também estão expostos à variação cultural, as quais merecem especial cuidado durante o ato tradutório. Na etapa final da revisão da bibliografia, as reflexões estiveram pautadas na análise dos fenômenos tradutórios decorrentes da transposição didática de conteúdos de domínio especializado, bem como suas implicações para o tradutor de textos dessa categoria. Esse processo nos conduziu a uma longa reflexão, com vistas a responder outra questão apresentada na introdução deste estudo: será que a transposição didática, entendida em um sentido restrito, como o menor grau de especialização nos textos técnicos ou a “vulgarização” do conhecimento sobre assuntos de natureza técnica, contribui para ampliar o grau de problemas de transferência cultural na tradução de textos dessa categoria? Com efeito, os resultados demonstraram que sim, principalmente em razão do fenômeno da “contextualização”, que tende a dar significado ao conhecimento científico através do recurso aos contextos presentes na vida pessoal do aluno e no mundo pelo qual ele transita. Esses problemas podem-se ampliar, em um nível sem precedentes, quando o encargo da tradução constitui um público-alvo culturalmente diferente e heterogêneo.

Na segunda e última fase do capítulo de discussão, a partir do arcabouço teórico desenvolvido no início da presente capítulo — embora, como já foi dito, este não ofereça uma solução única para o tratamento tradutório dos marcadores culturais —, foi possível construir um diálogo teórico-prático condizente com os objetivos inicialmente propostos. Com a análise dos dados apresentados nos questionários, além da combinação entre as categorias estabelecidas por Aubert (2006) e a proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução descrita por Barbosa (1990), pode-se afirmar que a tradução dos marcadores culturais, apesar da especificidade cultural na LP, se demonstrou funcionalmente adequada em relação aos níveis de receptividade na LC.

Com os resultados obtidos ao final deste trabalho, vimos que a necessidade da tradução tende a ser determinada pela cultura de chegada. Mesmo em casos em que a tradução é realizada ou imposta pela cultura de origem — como ocorreu com a primeira versão para o espanhol, elaborada pelo CENIPA —, a tradução só funcionará como tal se o público-alvo lhe der esse uso. A propósito, Martins (1999 apud CARVALHO, 2005, p.42), oferece uma explicação sucinta sobre essa questão:

As tradicionais preocupações essencialistas dão lugar a uma visão funcionalista, na medida em que o novo paradigma tenta explicar as estratégias textuais que determinam a forma final de uma tradução e o modo como esta funciona na literatura receptora. Procura, ainda, entender as razões que levaram o tradutor a recorrer a certas decisões e estratégias, além de chamar a atenção para as condições sociohistóricas que permeiam a sua atividade, oferecendo, assim, uma ideia mais clara dos mecanismos que permitem às traduções funcionarem (ou não) na cultura de recepção. Para o estudioso, o que importa é determinar o lugar que na tradução ocupa dentro do sistema literário da língua-meta, e não mais verificar até que ponto texto traduzido conseguiu refletir o chamado original.

Finalmente, tornar visível esta questão pode contribuir para o desenvolvimento teórico-metodológico que tem por escopo auxiliar o tradutor de textos técnicos e científicos em situações que reivindicam a identificação e o tratamento de marcadores culturais de maneira sistematizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, G.M.B. **A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua Prática**. Alfa, São Paulo, 50 (2): 85-101, 2006. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1413>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

ALMEIDA FILHO, J. C. P.. A urgência da mudança nos cursos de Letras das Universidades Particulares. **APLIESP Newsletter**, Campinas, v. 1, p.3-4, 2003.

ALVES, Fábio. Um modelo didático do processo tradutório: a integração de estratégias de tradução. ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO A. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2000.

ASENSIO, Roberto Mayoral; FOUCES, Óscar Díaz. **La traducción especializada y las especialidades de la traducción**. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I, 2011.

ASENSIO, Roberto Mayoral. **¿Cómo se hace la traducción jurídica?** Puentes, n. 2, p.9-14, 2002.

AUBERT, Francis Henrik. Traduzindo as diferenças extralinguísticas: procedimentos e condicionantes. **TradTerm**, São Paulo, n. 9, p.151-172, 2003.

_____. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. **Revista de Estudos Orientais**, São Paulo, n. 5, p.23-36, 2006.

AZENHA JUNIOR, João. Tradução Técnica, Condicionantes Culturais e Os Limites da Responsabilidade do Tradutor. **Cadernos de Tradução** (UFSC), Florianópolis, v. 1, n. 1, p.137-149, 1997.

_____. **Tradução técnica e condicionantes culturais. Primeiros passos para um estudo integrado**. 1ª. Ed. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, v. 1, 158p., 1999.

_____. Transferência cultural em tradução: contextualização, desdobramentos, desafios. **Tradterm** (USP), São Paulo, v. 16, p.37-66, 2010.

_____. Competência cultural e competência linguística na formação de tradutores e intérpretes: dois conceitos distintos? **Tradução em Revista** (Online), Rio de Janeiro, v. 14, p.121-136, 2013.

BAKER, Mona. Translation Studies. BAKER, Mona. (Org.) **Encyclopedia of Translation Studies**. London/New York: Routledge, p.277-280, 1998.

BARBOSA, Heloísa G. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas, SP: Pontes, 238p, 1990.

BASSNETT, Susan. **Estudos da Tradução: fundamentos de uma disciplina**. Tradução de Vivina Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BASTOS, Luiz Cláudio Magalhães. Curso de Segurança de Voo: Módulo Prevenção de Acidentes Aeronáuticos. **Gerenciamento do Risco Operacional**. CENIPA, 2011.

BRASIL. Comando da Aeronáutica. Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos. **Gerenciamento do Risco Operacional**. Brasília: CENIPA, 2006.

_____. **Método SIPAER de Gerenciamento do Risco**. Brasília: CENIPA, 1999.

CABRÉ, María Teresa Castellví. **La terminología. Representación y comunicación. Una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

_____. Investigar en terminología: posibilidades líneas de trabajo. ORTEGA, E. (dir.) (2003) **Panorama actual de la investigación en traducción e interpretación** (volumen I). Granada: Editorial Atrio, S.L., p.495-512. ISBN: 84-96101-10-X. (CL), 2003.

_____. Términos y palabras en los diccionarios. CUARTERO OTAL, J.; EMSEL, M. (ed.). **Vernetzungen: Bedeutung in Wort, Satz und Text. Festschrift für Gerd Wotjak zum 65. Geburtstag**. Frankfurt am Main: Peter Lang. p.71–84, 2007.

CARVALHO, C. A. **A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor**. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

GRILLO, M. et al. **Transposição didática: uma recriação ou recriação cotidiana**. Porto Alegre: PUC-RS, 1991.

MELLO, G. N. de; DALLAN, M.C., GRELLET, V. Por uma didática dos sentidos (transposição didática, interdisciplinaridade e contextualização). MELLO, G. N. de.

Educação escolar brasileira: o que trouxemos do século XX? São Paulo: Artmed, p.59-64, 2004.

OTTONI, Paulo. A formação do tradutor científico e técnico: necessária e impossível. OTTONI, Paulo (Org.). **Tradução manifesta: *double bind* & acontecimento.** Campinas, SP: Ed. UNICAMP, São Paulo, SP: EDUSP, p.116-125, 2005.

POLCHLOPEK, Silvana; AIO, Michelle de Abreu. Tradução técnica: armadilhas e desafios. **Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, São Paulo, n. 19, p.101-113, dezembro, 2009.

POLIDORO, L. F., STIGAR, R. A Transposição Didática: a passagem do saber científico para o saber escolar. **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**. São Paulo, n° 27, Ano VI - janeiro/fevereiro 2010.

SEMINÁRIO DE TRADUÇÃO CIENTÍFICA E TÉCNICA EM LÍNGUA PORTUGUESA, 9., 2006, Lisboa. **Ciência e Tradução**. Lisboa: Ed. União Latina, 2007.

WÜSTER, Eugen. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica.** Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada - Universitat Pompeu Fabra, 1988.

**ANEXO I – Questionário de avaliação do conteúdo didático por parte dos estrangeiros
participantes no Curso de Segurança de Voo - CENIPA**



Universidad de Brasilia

Investigación Académica

Investigación rápida para fines académicos sobre el compendio “Administración del Riesgo Operacional”, organizado por el CENIPA, para atender el curso de “Prevención de Accidentes Aeronáuticos”. ¡No hay respuestas correctas o incorrectas! Su propósito consiste en identificar las percepciones de los participantes en relación al dicho material didáctico. El tratamiento de las informaciones obtenidas en la redacción del trabajo final será realizado con el uso anónimo de los datos, a través de seudónimos si necesario.

(*) **Obligatorio**

Nombre: _____ **País:** _____
Correo: _____ **Fecha:** _____

¿Usted tiene alguna experiencia en el área de Seguridad de Vuelo? *

- Sí
 No

¿Tiene conocimiento de documentos o legislaciones publicados en su país sobre ese tema? *

- Sí
 No

¿Ha encontrado dificultades en relación a la terminología (términos técnicos) utilizada en el texto? Puede consultar el compendio, si necesario.*

- Sí
 No

¿Cuales? _____

¿El uso de siglas o acrónimos ofreció alguna dificultad de comprensión? *

- Sí
 No

¿Cuales? _____

¿Desde el punto de vista cultural, expresiones o situaciones utilizadas en las muchas analogías presentes en el texto causaron alguna extrañeza? *

- Sí
 No

¿Cuales? _____

Comentarios. Utilice ese espacio si desea comentar algo, describir otras posibles dificultades encontradas en el texto, lo que usted cree que podría mejorar, etc.

¡Muchas gracias!

ANEXO 2 – Questionário sobre o processo tradutório do material didático utilizado no curso de Segurança de voo por parte da tradutora do CENIPA



Universidade de Brasília

Questionário I

Este questionário visa coletar dados a respeito de sua experiência profissional como tradutora (português→espanhol) da apostila “Gerenciamento do Risco Operacional”, adaptada pelo CENIPA para atender o primeiro curso de Prevenção de Acidentes Aeronáuticos em Língua Espanhola para estrangeiros, realizado entre os dias 19 e 30 de agosto de 2013. Asseguramos-lhe que as informações aqui prestadas serão utilizadas tão somente no contexto desta pesquisa, com o uso anônimo dos dados. Sua identidade, bem como da instituição de ensino, serão preservadas. Obrigado pela sua preciosa colaboração.

- 1) **Qual é a sua formação acadêmica e como você adquiriu experiência profissional como tradutora de textos técnicos?**

- 2) **Quanto à tradução ao espanhol da referida apostila, mencione o prazo para a sua execução e informe os recursos utilizados (dicionários, instrumentos de pesquisa, mediação de profissionais da área, etc.). Sinta-se à vontade para comentar demais estratégias e/ou procedimentos de tradução.**

- 3) **Do ponto de vista “gramatical” e “cultural e/ou ideológico”, encontrou alguma dificuldade tradutória em relação à linguagem no texto de partida? Justifique.**

- 4) **Outras dimensões, como o plano terminológico (uso de termos técnicos, abreviaturas, etc.), ofereceram algum obstáculo quanto à atividade tradutória? Por quê?**

- 5) **Comentários. Use esse espaço se deseja fazer algum comentário, descrever outras eventuais dificuldades encontradas em relação à tradução do texto; sua avaliação acerca da experiência tradutória; o que você acha que poderia ser melhorado nesse tipo de prática, em vista da sua experiência, etc.**